

Revista

Impressa em papel 100% reciclado

# Ecologia Integral

Ano 4 - N.º 20 - maio/junho de 2004 - R\$6,00

por uma cultura de paz e pela ecologia integral

## Folclore

Os costumes e as lendas que fazem a história do povo brasileiro



Crianças apresentam a quadrilha da corte



Grupo Meninas de Sinhá resgata a tradição das cantigas de roda



Reisado do Rosário desfila pelas ruas da cidade mineira de Bom Despacho



Grupo de quadrilha se apresenta durante o "Arnaiz de Belô" 2004

### Ecologia social

As ações do Conselho Comunitário do bairro Ribeiro de Abreu em BH

### Ecologia ambiental

Os desafios ambientais apresentados no discurso da Ministra Marina Silva

# Você vai ler nesta edição...

## 2 observatório

## 7 pensar globalmente, agir localmente

- Conheça o trabalho realizado pelo Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu, Comupra



Foto: Denise Ruan

## 10 ecologia integral

- O que é folclore?
- A tradição das festas juninas
- As principais manifestações folclóricas brasileiras
- As lendas brasileiras



Foto: Juliana Rodrigues

## 18 espaço da Florinda

- Os mitos brasileiros
- Brincadeiras folclóricas

## 20 múltipla escolha



## 21 educação ambiental

Folclore e ciência - múltiplas versões da realidade

## 22 você já pensou sobre isso?

- O que pode acontecer quando adotamos as tradições estrangeiras e esquecemos das nossas?

## 23 ponto de vista

- Desmistificando os mitos da adoção
- Reciclando sonhos, alimentando realidades
- Os desafios ambientais brasileiros
- Dicionarizar as ecologias
- Celebrando os ciclos na natureza

## 29 pequenas ações por um mundo de paz

## 30 reflexões

## 31 atividades do CEI

## 32 pontos de venda da Revista Ecologia Integral

### As dimensões da ecologia integral

#### A Ecologia Pessoal

visa a saúde física, emocional, mental e espiritual do ser humano como estratégia fundamental para o desenvolvimento da paz e da ecologia integral.

#### A Ecologia Social

busca a integração do ser humano com a sociedade, o exercício da cidadania, da participação e dos direitos humanos, a justiça social, a simplicidade voluntária e o conforto essencial, a escala humana, a cultura de paz e não-violência, a ética da diversidade, os valores universais, a inclusividade, a multi e a transdisciplinaridade.

#### A Ecologia Ambiental

objetiva a integração do ser humano com a natureza facilitando o processo de conscientização e sensibilização no sentido da redução do consumo e do desperdício, do incentivo à reutilização e à reciclagem dos recursos naturais, bem como da preservação e defesa do meio ambiente e de sociedades sustentáveis.

## As nossas raízes

Num tempo em que “globalização” é a palavra da moda, falar em folclore, costumes e lendas do povo brasileiro pode parecer estar na “contramão” das tendências mas, para nós, é muito importante trazer este assunto para reflexão. Quando, no editorial da revista nº 18, falamos do consumo consciente e de todas as suas dimensões, ali estavam também incluídas as questões da globalização e suas repercussões na diversidade cultural dos povos.

Falar de diversidade cultural é como falar de diversidade biológica, não dá para pensar num planeta saudável, numa sociedade saudável, sem considerar a sua importância. Quando uma espécie animal ou vegetal é extinta há repercussões em tudo que vive. A destruição de cada espécie deveria ser vista como sinal de alarme e de alerta para toda a humanidade. No que diz respeito aos aspectos culturais, a reflexão é a mesma. A grande riqueza da humanidade está na sua diversidade e para que esta riqueza seja mantida muito ainda precisa ser feito.

Um dos problemas atuais, a nosso ver, é que estamos cada vez mais importando culturas consideradas “modernas” - a cultura do “fast-food”, do “shopping”, do “play-center”, da adrenalina, da pressa, do consumismo - e assim nos desconectando das nossas verdadeiras raízes. Temos então uma proposta a fazer: Queremos conhecer, resgatar e preservar a nossa verdadeira identidade? Então comecemos por visitar as pequenas cidades do interior do Brasil. Nelas sim, encontraremos remanescentes da nossa verdadeira cultura, da nossa história e das nossas tradições.

Resgatar, preservar e valorizar as festas populares, a contação de casos, as antigas brincadeiras infantis, as lendas, os mitos, os ditados, os costumes, a música, a dança, a arte, o artesanato, a comida, a sabedoria popular e tudo mais que diz respeito às nossas origens é, para nós, uma forma de contribuir para a ecologia integral e para uma vida humana mais digna, mais saudável e mais sustentável.

Este número da Revista Ecologia Integral mostra o quanto é rica a nossa diversidade cultural que, apesar de tudo, resistiu ao tempo e é um valioso resurso deixado por nossos antepassados para todos nós e para as futuras gerações.

Um grande abraço a todos!

Ana Maria e José Luiz  
Diretores do Centro de Ecologia Integral

## Nossos atuais parceiros

Amalé - Grupo de Divulgação das  
Manifestações Folclóricas  
Juiz de Fora/MG - [www.grupomale.org](http://www.grupomale.org)

Asammor - Associação dos Amigos  
da Mata do Morcego  
Tel. 9686-3934 (Daltro)

Associação MudaMundo

Centro de Ecologia Integral  
de Jequitinhonha/MG  
Tel.: (33) 3741-1107 (Fiel Pedro)

Centro de Ecologia Integral  
de Pirapora/MG  
Tel.: (38) 3741-7557 (Delvane)

Gráfica e Editora O Lutador  
Tel.: (31) 3441-3622 - [www.olutador.org.br](http://www.olutador.org.br)

Instituto Renascer da Consciência  
Tel.: (31) 3296-3864

Marista  
[www.marista.edu.br](http://www.marista.edu.br)

Portal Árvore  
[www.arvore.com.br](http://www.arvore.com.br)

Quatro Cantos do Mundo  
Tel.: (31) 9111-9359 (Camilina)  
[quatrocantosdomundo@yahoo.com.br](mailto:quatrocantosdomundo@yahoo.com.br)

Rede Mineira de  
Educação Ambiental  
Tel.: (31) 3277-5198  
[remea@grupos.com.br](mailto:remea@grupos.com.br)

Trilhas D'Água  
Passeios Ecológicos  
Tel.: (31) 3281-4544/9985-3385 (Eugêdio)

Universidade da Paz  
UNIPAZ-MG  
Tel.: (31) 3297-9026

UNIPAZ - NÚCLEO ARAXÁ  
(34) 3661-3199 (Homero) / 3662-4939 (Chaves)

Vibra Mais  
Vida à Beira do Ribeirão Ayudas  
Meio Ambiente e Integração Social  
Tel.: (31) 3390-2659 (Isidoro) / 3482-0075 (Joana)

## Quem faz a Revista Ecologia Integral?

A revista **Ecologia Integral** é uma publicação do **Centro de Ecologia Integral**, organização não-governamental, sem fins econômicos, que tem por finalidade trabalhar por uma “cultura de paz” e pela “ecologia integral”, apoiando e desenvolvendo ações para a defesa, elevação e manutenção da qualidade de vida do ser humano, da sociedade e do meio ambiente, através de atividades que promovam a **ecologia pessoal**, a **ecologia social** e a **ecologia ambiental**. A revista é um dos meios utilizados para divulgar, informar, sensibilizar e iniciar um processo de transformação em direção à ecologia integral e a uma cultura de paz.

### Revista Ecologia Integral - Publicação do Centro de Ecologia Integral (CEI)

Registrada no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas sob o nº 1093

**Diretores do CEI:** Ana Maria Vidigal Ribeiro e José Luiz Ribeiro de Carvalho - **Editora:** Ana Maria Vidigal Ribeiro - MG 5961 JP - **Jornalista responsável:** Desirée Ruas - MG 5882 JP - **Fotografia:** Irma Reis, Iracema Gomes e José Luiz Ribeiro de Carvalho - **Ilustrações:** Nayere Rodrigues - **Publicidade e patrocínios:** Maria Augusta Drummond  
**Projeto gráfico e editoração eletrônica:** Desirée Ruas - **Serviços gráficos:** Gráfica e Editora O Lutador  
**Periodicidade:** bimestral - **Tiragem:** 2000 exemplares

É permitida a reprodução do conteúdo, desde que citada a fonte: **Revista Ecologia Integral, uma publicação do Centro de Ecologia Integral** (site: [www.ecologiaintegral.org.br](http://www.ecologiaintegral.org.br))

Esta revista foi impressa em papel 100% reciclado.

## Fale com a gente

para sugestões, colaborações, anúncios ou assinaturas

### Escreva para a Revista Ecologia Integral

Centro de Ecologia Integral  
Rua Bernardo Guimarães, 3101  
Salas: 204 a 207 - Santo Agostinho  
Belo Horizonte/MG  
Cep: 30.140-083

### Entre em contato

Telefone: (31) 3275-3602

**Mande um e-mail para**  
[cei@ecologiaintegral.org.br](mailto:cei@ecologiaintegral.org.br)

**Visite nossa página na Internet**  
[www.ecologiaintegral.org.br](http://www.ecologiaintegral.org.br)

## **Menos guerras no mundo**

O ano de 2003 teve o menor número de conflitos armados no mundo, com exceção do ano de 1997, desde o fim da guerra fria. A informação faz parte do relatório publicado pelo Instituto Internacional de Pesquisas sobre a Paz de Estocolmo, Sipri, que todos os anos publica um estudo analítico sobre a política de segurança internacional, o armamento e o estado dos conflitos no planeta.

Na Colômbia e em Israel, onde existem conflitos antigos, persiste a violência cotidiana, apesar da introdução de estratégias militares mais ofensivas pelos governos dos dois países. Entretanto, as novas estratégias afastaram as perspectivas de paz ou trégua, destaca o Sipri.

Em um total de 19 conflitos registrados em 18 lugares do planeta, apenas dois envolvem a intervenção de países: o primeiro Estados Unidos e Iraque e o segundo Índia e Paquistão.

Em 2002, o Sipri registrou 21 conflitos, contra 18 em 1997.

Os conflitos armados continuam sendo, na maioria, entre pessoas de um mesmo país, as chamadas guerras civis, como acontece atualmente em Burundi, Costa do Marfim, Indonésia, Libéria e Filipinas.

O documento também destaca que o caminho para a paz não pode ser imposto aos Estados, como no Iraque, Costa do Marfim ou Sri Lanka.

## **Evento divulga cultura indígena**

O I Jogos Tradicionais Indígenas do Pará, realizado no mês de junho, foi uma oportunidade para mostrar o espírito de celebração das tribos, destacando a cultura das diferentes etnias. As provas realizadas não tiveram intenção competitiva, mas demonstrativa sendo que algumas modalidades apresentadas durante o evento são exclusivas de algumas tribos participantes, como é o caso da corrida de toras, da Gaviões.

Lutas corporais, canoagem, natação, arco-e-flecha, cabo de guerra e futebol de campo, prática adaptada da cultura não-indígena, foram algumas das modalidades presentes nos Jogos Tradicionais Indígenas. O objetivo da realização de encontros como esse é manter as tradições para que elas se fortaleçam ou recuperem suas características próprias e divulgar a cultura dos povos.

Para proporcionar o intercâmbio cultural, vários grupos folclóricos se apresentaram na arena, durante o evento, intercalando as diversas manifestações existentes no Pará. Além disso, várias tribos participantes expuseram e comercializaram seus artesanatos.

Também foi realizada uma exposição de foros do francês Serge Guiraud sobre os índios Zo'ê, etnia que vive na floresta amazônica, no norte do Pará, totalmente isolada do resto da civilização. Os Zo'ê são falantes de uma língua da família Tupi-Guarani do tronco Tupi. Toda sua população é monolíngue, com exceção de alguns jovens que aprenderam algumas palavras em português, ouvindo os funcionários da Funai falar no rádio.

## **Saneamento e saúde pública**

A água contaminada é responsável por 68% das internações em hospitais públicos no país. A falta de saneamento básico prejudica a saúde da população e ainda eleva os gastos da saúde com o tratamento às vítimas de doenças por falta de abastecimento de água adequado, sistema de tratamento de esgoto e coleta de lixo. Segundo estudo da Coordenação de Pós-graduação e Pesquisa em Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UERJ, o Ministério da Saúde gasta R\$ 250 milhões por mês para atender a estes casos, já que, segundo o estudo, 40 milhões de brasileiros não têm acesso à água tratada e somente 6% do esgoto produzido é tratado.

Os dados colocam o Brasil como um dos piores países da América Latina no quesito saneamento básico. Os responsáveis pela pesquisa lembram que investir em saneamento é economizar dinheiro público já que cada dólar gasto em saneamento provoca uma economia de 4 a 5 dólares para os governos.

Estima-se que o País teria de investir R\$ 180 bilhões para melhorar a situação do saneamento básico, garantindo para toda a população água, tratamento de esgoto e coleta de lixo.



*O Brasil é um dos países com o pior índice de saneamento básico na América Latina, o que ocasiona para o governo mais despesas com a saúde pública*

## Banco de DNA de espécies vegetais

O Brasil ganhou seu primeiro Banco de DNA de Espécies Vegetais. O arquivo de amostras genéticas coletadas em áreas ambientais já degradadas, como a Mata Atlântica, e que será útil para pesquisas, desenvolvimento e fabricação de medicamentos fica no Jardim Botânico do Rio de Janeiro. O espaço era uma antiga reivindicação dos pesquisadores do Jardim Botânico. Além do laboratório, foi reinaugurada a estufa de plantas carnívoras, que tem como atração a réplica do dirigível Zeppelin suspensa em sua cúpula, para lembrar que foi ele quem trouxe, em 1935, da Alemanha, as primeiras espécies de plantas insetívoras para o Jardim Botânico do Rio.

Foto: Afonso Travençolo/Mineral



O Banco de DNA contribui para a preservação das espécies

## Pesquisa revela novas espécies marinhas

Mais de 400 novas espécies de peixes foram catalogadas em águas profundas da costa sul brasileira nos últimos anos, dentro do Programa de Avaliação do Potencial Sustentável dos Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva Brasileira, Revizee. Muitas das espécies nunca foram vistas no Brasil e algumas são totalmente desconhecidas da ciência.

Desde 1996, os pesquisadores prospectaram uma área de 700 mil quilômetros quadrados entre o Chuí, no Rio Grande do Sul, e em Cabo de São Tomé, no norte do Rio de Janeiro, que corresponde à região Costa Sul do programa. As coletas foram feitas com redes, entre 100 e 1.500 metros de profundidade.

Os resultados foram organizados em dois livros, com fotos e descrições detalhadas de cada espécie. O primeiro, publicado em 2002, pela Editora Edusp, inclui 185 peixes do tipo pelágico, que vivem na coluna d'água entre o fundo e a superfície.

Já o segundo, que está para ser publicado este ano, é uma coleção de 225 espécies do tipo demersal, que vivem junto ao fundo. Essas foram capturadas com armadilhas, anzóis e redes, entre 100 e 600 metros.

O catálogo inclui uma série de criaturas estranhas, com dentes protuberantes, grandes olhos e órgãos luminescentes, adaptadas para sobreviver em um ambiente de escuridão absoluta e pouquíssimo alimento.

O Revizee, iniciado em 1995, está previsto para terminar no início de 2005, com o levantamento completo de todos os recursos marinhos da zona econômica exclusiva brasileira, até 200 milhas náuticas. O projeto envolve centenas de pesquisadores e já recebeu R\$ 30 milhões. Os livros incluem diversos autores da USP e da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, FURG.

## Assistência aos povos indígenas

Mais de 76 comunidades indígenas em todo o Brasil receberão capacitação técnica para a implantação de projetos para a melhoria da segurança alimentar e das condições ambientais do local onde vivem. Serão destinados, inicialmente, R\$ 7 milhões para produção sustentável, beneficiamento e comercialização de alimentos, produtos agroestruturistas e artesanais. As comunidades que apresentam os problemas mais graves serão consideradas prioritárias nos projetos.

Em várias partes do país, a produção local insuficiente e a escassez de peixes nos rios ocasionam graves quadros de desnutrição, fome e altas taxas de mortalidade entre os indígenas. As tribos Guajajara e Gavião, da Amazônia, por exemplo, comem basicamente farinha com água e é grande o índice de índios vivendo nas periferias da cidade sem renda alguma.

As práticas agrícolas incorretas também levam à degradação do solo e à destruição ambiental, o que agrava o problema da falta de alimentos.

Em Minas Gerais, as áreas prioritárias abrangem as tribos Xakriabá, Maxacali e Pataxó da Fazenda Guarani.

Foto: Arquivo Cei



Os oceanos guardam uma enorme biodiversidade ainda pouco conhecida pelos pesquisadores

## Maapeamento dos biomas

Obter mais informações sobre a atual situação dos seis biomas existentes no país é o objetivo do Ministério do Meio Ambiente, MMA, através de um levantamento detalhado da Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal e Campos Sulinos, até setembro de 2005. Com os dados acerca dos remanescentes da cobertura vegetal existente nos biomas brasileiros, trabalho inédito no país, o governo espeta fornecer instrumentos para a formulação de políticas públicas e a utilização sustentável da biodiversidade do país.

Atualmente há uma grande diferença em termos de qualidade e quantidade de informações sobre os diferentes biomas. A maior quantidade de dados é sobre a Amazônia e a Mata Atlântica, os únicos com programas permanentes de monitoramento da evolução da cobertura vegetal. O mapeamento encomendado pelo MMA será da totalidade dos biomas e exige a utilização da mesma metodologia por todas as

instituições contratadas. Os mapas digitais serão fornecidos pelo MMA e o ano-base é o de 2002. Nos mapas finais devem ser inseridas as bases cartográficas de hidrografia principal, divisão política, áreas urbanas, cidades, municípios, malha viária principal e tipologias de vegetação.

No total serão aplicados R\$ 2,37 milhões, por intermédio do Projeto de Conservação e Utilização Sustentável da Diversidade Biológica Brasileira, Probio.

O Cerrado, o segundo maior bioma brasileiro, é um dos mais ameaçados do mundo e tem somente 0,85% de sua área em unidades de conservação. Entretanto, as pesquisas atuais não deixam claro qual percentual de sua cobertura original está alterado, seja pela criação de cidades ou aumento de área para a agricultura.

O bioma Mata Atlântica, considerado o mais



O mapeamento identificará a situação atual dos biomas brasileiros

ameaçado de todos, com apenas 7,3% da sua cobertura original, tem 0,69% de áreas especialmente protegidas.

A Caatinga, por sua vez, possui apenas 0,65% de sua área em unidades de conservação. O mapeamento total das áreas remanescentes permitirá melhor identificação de áreas prioritárias para criação de unidades de conservação e, também, apontar utilização diferente da atual para algumas áreas.

## Promoção da inclusão digital

Projeto da Universidade Federal de Minas Gerais possibilita acesso à informática. A Rede de Inclusão e Letramento Digital, Rede.Lê, da UFMG, por meio do seu Centro Cultural, do Observatório da Juventude da Faculdade de Educação e do Centro de Referência em Software Livre, Solar, reúne 18 telecentros espalhados por Belo Horizonte e pelo interior de Minas Gerais, envolvendo escolas da rede municipal, organizações não-governamentais, comunidades remanescentes de quilombos, centros culturais da periferia, aglomerados de vilas e favelas, comunidades indígenas, universidade e áreas de preservação ambiental.

A proposta é que a inclusão digital seja um instrumento de transformação social, levando as comunidades a realizarem projetos de desenvolvimento locais, produzindo e compartilhando conhecimentos. A partir desta atuação, o projeto incentiva a integração das diversas comu-

nidades, com a formação de redes físicas e virtuais, possibilitando aos grupos integrantes do projeto o compartilhamento de interesses, necessidades e desejos coletivos. Como resultado, três redes já foram criadas:

a Rede Quilombos, que busca desenvolver possibilidades de reflexão para as comunidades da Rede.Lê que são remanescentes de quilombos; a Rede Escola Pública, em que nove escolas trocam informações sobre projetos desenvolvidos por alunos e professores; e a Rede de Comunicação, na qual os participantes dos telecentros envolvem-se na divulgação das

iniciativas culturais e de cidadania que acontecem em sua região. Nessa rede, os participantes passam por capacitações de produção televisiva, radiofônica e de jornalismo impresso.



O uso da informática deve estar ao alcance da maioria da população

## Trabalho doméstico infantil

Pelo menos 559 mil crianças trabalham em funções domésticas no Brasil, segundo relatório da Organização Internacional do Trabalho, OIT. No mundo estima-se que sejam ao todo 10 milhões de crianças e que 90% dessas crianças são meninas e 69% são negras.

De acordo com o relatório pioneiro de 112 páginas da OIT, as crianças raramente são pagas e algumas sofrem inclusive abusos sexuais. No total, são 200 milhões de crianças trabalhando nas mais diversas atividades. Um estudo feito no Brasil com meninas entre 11 e 15 anos constatou que uma a cada dez trabalhadoras domésticas já atuava há mais de cinco anos na profissão.

## Centro para resgatar variedades crioulas

Ainda este ano entrará em funcionamento o *Centro de Resgate e Conservação de Variedades Crioulas*, para culturas como feijão, milho e mandioca, na região do Pontal do Paranapanema, em São Paulo. Inicialmente vão ser contempladas 250, das cerca de 6 mil famílias de agricultores assentados pela reforma agrária na região.

Variedades crioulas são aquelas que ainda não foram modificadas, seja pela biotecnologia ou por outros processos de melhoramento. O resgate de técnicas tradicionais e de materiais genéticos adaptados a determinadas regiões visa oferecer aos agricultores familiares uma alternativa ao monopólio das sementes, exercido por poucas empresas. A iniciativa procura também recuperar a cultura camponesa, restabelecer uma nova relação do produtor com a terra, com as manifestações étnicas e festejos, além de envolver também uma valorização dos processos educacionais.

A agricultura familiar representa mais de 60% da produção dos alimentos básicos da população brasileira e ocupa 14 milhões de pessoas. Os pequenos estabelecimentos representam 75% das propriedades rurais, 25% das terras cultivadas e geram 35% da produção agrícola nacional. Apesar disso, não existe hoje nenhum sistema de produção de sementes que atenda ao pequeno produtor. O Centro deverá preencher essa lacuna, buscando ao mesmo tempo incrementar a autonomia e a segurança alimentar dos agricultores familiares e de toda a população. Fundamentado no cultivo orgânico, tem como meta a produção de alimentos mais saudáveis e acessíveis.

## Incentivo à produção orgânica

A produção orgânica oriunda da agricultura familiar receberá até 30% a mais que o valor de mercado dentro do Programa de Aquisição de Alimentos, PAA, do governo federal. A decisão, que já está em vigor, foi tomada pelo Comitê Gestor do programa com o objetivo de incentivar a agricultura ecológica no Brasil.

Por contar com uma produção pequena e uma procura cada vez maior, os alimentos que não utilizam agrotóxicos são valorizados no mercado. Por isso, o Comitê decidiu que seria justo ampliar, também, o valor pago pelos produtos orgânicos que são utilizados em programas sociais como o Fome Zero. A agricultura familiar é responsável por 70% da produção agroecológica no País, uma alternativa para a ampliação de renda das famílias rurais.

Desde o ano passado, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, Pronaf, tem uma linha de financiamento específica para este setor, oferecendo 50% a mais de crédito para os agricultores que queiram investir na agroecologia. Hoje o Brasil é o segundo país com o maior número de propriedades com lavouras orgânicas no mundo. De acordo com dados da Söl Ecologia e Agricultura, uma organização não-governamental com sede na Alemanha, existem 19 mil agricultores brasileiros produzindo orgânicos, sendo 70% deles familiares. A Itália é o país com o maior número de propriedades "ecológicas". Um outro dado da pesquisa realizada pela Söl mostra que 841 mil hectares são cultivados com produtos orgânicos no Brasil. Com isso, o País é o quinto em área cultivada no mundo, ficando atrás dos Estados Unidos, Itália, Argentina e Austrália que, sozinha, produz orgânicos em 10 milhões de hectares.

No mercado externo, mais antigo e vigoroso, a estimativa é que a produção ecológica movimente 23 bilhões de dólares anualmente. Neste ano, os agricultores brasileiros devem exportar 115 milhões de dólares em produtos orgânicos, de acordo com dados da Agência de Promoção de Exportações do Brasil, Apex. A expectativa é que até o fim do ano mais 100 mil famílias sejam beneficiadas pelo PAA.

Fonte: [www.planetaorganico.com.br](http://www.planetaorganico.com.br)

Foto: Ivana Reis



Os vegetais orgânicos são aqueles produzidos sem o uso de agrotóxicos

## Movimento Capão Xavier Vivo

O Movimento Capão Xavier Vivo é um movimento social que congrega diversas pessoas e entidades na luta pela preservação do meio ambiente e de mananciais de abastecimento público da Região Metropolitana de Belo Horizonte. Foi criado para lutar contra a implementação da mineração em Capão Xavier, pela MBR, Minerações Brasileiras Reunidas, que pretende explorar 173 milhões de toneladas de ferro na região. Essa exploração, além de provocar grandes estragos ambientais, comprometerá os mananciais ali existentes: Fecho, Mutuca, Catarina e Barreiro, integrantes do sistema Alto Rio das Velhas e responsáveis pelo abastecimento de 320.000 pessoas de Belo Horizonte e Região metropolitana.

Segundo seus coordenadores, o Movimento Capão Xavier Vivo vai continuar mobilizando forças, denunciando as irregularidades, chamando à responsabilidade as autoridades públicas competentes e interpelando a Justiça para que as leis ambientais sejam respeitadas. Segundo o Movimento, as explorações minerárias feitas pela MBR na região metropolitana já destruíram parte do nosso Patrimônio Histórico Natural, que é a Serra do Curral e o Pico do Itabirito; secaram nascentes do Clube Campestre e em Macacos; prejudicaram mananciais que abasteciam parte da população de Itabirito, deixaram uma enorme cratera em Águas Claras sem recuperação e estragos ambientais em "Tejuco", no Município de Brumadinho, Minas Gerais.

O Ministério Público do Estado de Minas Gerais impetrou uma ação civil pública contra MBR, Feam, Copam, IEF e Prefeitura de Belo Horizonte requerendo da Justiça suspensão dos efeitos das licenças prévia, de instalação e de operação do empreendimento de exploração da Mina Capão Xavier, inclusive a Licença de Instalação concedida para estrada de ligação Muncuca-Capão Xavier, concedidas pelo Conselho Estadual de Política Ambiental, Copam, à mineradora MBR.

O Movimento Capão Xavier Vivo realizou, em junho, caminhada na Serra do Curral com o objetivo de alertar a população sobre os estragos que já atingiram, mas que ainda se escondem por trás do seu contorno. Um dos coordenadores do movimento, Frei Gilvander Moreira, lembra que apesar da Serra do Curral ser tombada pelo Patrimônio Histórico Municipal, é muito grave o seu real estado de degradação. "É de partir o coração. Apesar da tentativa de recuperação ambiental, as erosões são muito visíveis, e são responsáveis pelo desaparecimento de muitas nascentes que contribuem para o abastecimento da cidade", explica Frei Gilvander. Lembra que a capital mineira "era uma das nove cidades com uma barreira natural contra a poeira atômica, e essa barreira está sendo destruída". Segundo ele, a sociedade não pode apostar em um desenvolvimento econômico antiecológico, como se os recursos naturais fossem infindáveis.

Fonte: Movimento Capão Xavier Vivo  
Telefone: (31) 3221-3055  
[www.capaoxaviervivo.org](http://www.capaoxaviervivo.org)

*Belas paisagens correm o risco de desaparecer devido à exploração minerária no estado*

## Renda no Brasil

Um terço das famílias brasileiras têm renda de até R\$ 600,00 e o principal gasto delas é com habitação, 35,5%, seguido da alimentação 20,75% e do transporte, 18,44%. Para a maior parte das famílias, 85%, o dinheiro termina antes do fim do mês. Os dados são da Pesquisa de Orçamentos Familiares do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE.

## Estudo das espécies da Serra do Cipó

A riqueza ambiental das plantas típicas da Serra do Cipó, em Minas Gerais, será estudada por técnicos do Ibama. O levantamento etnobotânico, estudo do papel tradicional das plantas na vida e no folclore de um povo, pretende conhecer as espécies vegetais mais utilizadas pelas comunidades que vivem no entorno do Parque Nacional da Serra do Cipó.

As principais plantas usadas para a cura de doenças estão sendo identificadas com a ajuda dos raizeiros do local para o uso sustentável da biodiversidade.

Os raizeiros receberão orientações sobre como evitar o desaparecimento das espécies e como aprimorar o uso das ervas, preservando assim a saúde dos usuários das plantas medicinais e também a vegetação do local.

Foto: Irma Reis





## Ações pela cidadania e pelo meio ambiente

Conselho Comunitário Unidos pelo Ribeiro de Abreu, Comupra, ajuda a construir uma nova realidade com iniciativas nas áreas de educação e meio ambiente e com geração de renda

*“Já sei assinar o meu nome em todo lugar. Eu tinha dificuldade de assinar o Soares. Sempre tinha que pôr a identidade para eu copiar. Com a ajuda das minhas companheiras e das professoras... Estou muito feliz com essa escola...”*

Essa declaração é da dona de casa Dejanira Soares de Lima. Aos 70 anos, ela é uma das 23 pessoas que concluíram, em 2003, o primeiro módulo do curso de alfabetização de adultos do Projeto Alfabetizar-se, do Conselho Comunitário Unidos Pelo Ribeiro de Abreu, Comupra. Na dificuldade de assinar o nome no recibo da cesta básica da Campanha Natal Sem Fome 2002, o Comupra percebeu a oportunidade de abrir caminhos para que os moradores da região viessem a exercer sua cidadania.

“Aprender a escrever seu próprio nome é a primeira grande vitória do aluno, um passo importante para que ele comece a se perceber como sujeito, como cidadão”, explica Antônia da Aparecida Cassemiro Amorim, do Comupra. Ela e Ana Maria Ferreira Torres supervisionam o projeto desenvolvido em parceria com Fundação São João Bosco para a Infância. “Ninguém alfabetiza ninguém senão ele mesmo. É a partir de si, das suas experiências, que o aluno vai buscar o conhecimento”, afirma.

Outra aluna do Alfabetizar-se, Nedina Oliveira Souza, 59, relata que, antes de conhecer o Comupra, “era muito para baixo, tinha muita depressão”. Alfabetizada, ela diz se sentir renascida, alegre e planeja recuperar o tempo perdido. “É isso que a gente valoriza no projeto, o fortalecimento da identidade e da auto-estima, além do respeito à pessoa”, completa a coordenadora Antônia.

Cada módulo do curso dura, em média, seis meses. As aulas acontecem nas casas dos alunos e em espaços cedidos por igrejas, uma alternativa para fazer frente à imagem negativa e ao teceio que muitas pessoas trazem da escola. O projeto tem duas professoras, voluntárias, cada uma com uma turma de 15 alfabetizandos. A meta para 2004

é alfabetizar mais 100 pessoas, além de oferecer oficinas de artesanato e promover eventos culturais.

### Organização interna

O Conselho Comunitário Unidos Pelo Ribeiro de Abreu elegeu sua diretoria em janeiro de 2001. Os moradores já atuavam há cerca de oito anos promovendo eventos e arrecadando dinheiro para investir em obras sociais. Para ter mais força e representatividade e mudar sua própria realidade a associação se organizou legalmente, explica a presidente do Comupra, Alaíde Braga de Oliveira. A sede é emprestada, funciona em um *trailer* e abriga 53 voluntários. Cada um com uma ação específica para melhorar as condições de vida das famílias que moram no Ribeiro de Abreu.

O campo de atuação do Comupra inclui outros seis bairros e as margens da rodovia MG-020. A extensão fica na divisa das regionais nordeste e norte. “Fronteira só está no papel. A escola que eles usam está no Ribeiro de Abreu, o comércio que eles usam é o do bairro, o transporte e o posto de saúde também”, observa Itamar de Paula Santos,

více-presidente do Comupra.

Em 2002, numa parceria com diversas instituições, foi feita a 1ª Ação Integrada, um dia de lazer, cultura e assistência social. O evento gerou uma pesquisa com sugestões de práticas esportivas e cursos que apontaram os rumos para um amplo projeto: o Ribeiro de Abreu Social, Ribas, dividido em seis subprojetos.

Em dezembro do mesmo ano aconteceu o 1º Natal Sem Fome do Ribeiro de Abreu. Mais de oito mil quilos de alimentos não-perecíveis, arrecadados junto ao comércio e instituições locais, e por meio do Comitê Minas Ação e Cidadania, foram distribuídos beneficiando mais de 320 famílias carentes. O reconhecimento dos resultados pelo Comitê Nacional veio na remessa de mais seis toneladas de produtos. Em março de 2003, uma novidade! O Comupra entregou as cestas básicas mediante a troca por dez garrafas *pet*. Foram recolhidas quase oito mil embalagens, cujo destino teria sido o Ribeirão do Onça, segundo o vice-presidente do Comupra. No mesmo ano, durante o 2º Natal Sem Fome, foram disponibilizadas nove toneladas e meia de alimentos. Apenas

Foto: Arquivo Comupra



Os alunos da Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro, no Ribeiro de Abreu, aprendem a cuidar da horta

na Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro o Conselho distribuiu 150 cestas, além de brinquedos e lanche para as crianças e verduras colhidas na horta comunitária.

## Surgimento do bairro

“Essa *terra de ninguém* chamada Ribeiro de Abreu”, como diz Itamar, começou a ser povoada em meados de 1950. O bairro é considerado um dos maiores de Belo Horizonte, com cerca de 20 mil habitantes. São 71 ruas, das quais 21 não possuem saneamento básico. O Ribeirão do Onça, um dos maiores afluentes - e poluidores - do Rio das Velhas na região, corta todo o território no sentido sul-nordeste. No trecho, há quatro formações de cachoeiras de pequeno e médio porte, uma beleza escondida debaixo de entulho e lixo. As águas são foco de doenças e miséria. As margens, tidas como de altíssimo risco, passam por inundações pelo menos uma vez por ano.

“O Ribeiro de Abreu vem de um pico de crescimento e, agora, um pico de ocupação desordenada. As laterais do Onça e da MG-020 foram completamente invadidas”, relata o líder comunitário. Ele conta quatro aglomerados. O bairro fica de frente para cerca de 350 mil metros quadrados de área verde, de propriedade de particulares. De acordo com Itamar de Paula, 70% do espaço são de preservação permanente. Por causa de sua vegetação, a “*mara*” é considerada um ponto de equilíbrio para o clima da região. Ela estaria recebendo

## Entrar na escola para resgatar o relacionamento com a comunidade foi a alternativa encontrada para fazer frente à criminalidade

os esgotos de bairros e conjuntos vizinhos que seriam irregulares, segundo Itamar. Esse fator, associado às queimadas e à retirada da cobertura vegetal para construções ilegais, destrói nascentes e corrói o solo há cerca de cinco anos.

O Ribeiro de Abreu figura entre os bairros mais violentos de Belo Horizonte, “com pessoas em risco social extremo”. Iramar de Paula conta que a entrada da Escola Estadual Bolívar Tinoco Mineiro já foi palco de tiroteio e morte. Para ele, “uma das principais conseqüências da ausência do poder público”. Entrar na escola para resgatar o relacionamento com a comunidade foi a alternativa encontrada para fazer frente à criminalidade. O Comupra criou uma horta comunitária e está gerando emprego e renda onde havia sujeira e mata.

A implantação começou em setembro de 2003, com a limpeza da área. As oito mil garrafas *pet* recolhidas durante o 2º Natal Sem Fome serviram para dividir e cercar os canteiros que receberam as sementes doadas pela Secretaria Municipal de Abastecimento. Ela também ajuda com suporte técnico. “Hoje, são quatro voluntários e 33 canteiros produzindo”, orgulha-se o idealizador do projeto. Todos ganham, como ajuda de custo, uma cesta básica a cada 15 dias

trabalhados. Eles podem usar as verduras para consumo próprio e vendê-las dentro da comunidade. Metade do dinheiro fica com quem vendeu. Os outros 50% vão para a manutenção da horta.

São quase 70 irens: mais de 20 tipos de folhas, além das ervas medicinais. Toda a produção é orgânica e o preço é o mesmo do sacolão: R\$ 0,50 cada. Nos fins de semana são comercializadas cerca de 80 unidades. O projeto da horta doa mudas, faz oficinas e exposições. Os voluntários varrem o ponto do ônibus da entrada do bairro, um antigo lixão recuperado pelos moradores. A limpeza dos espaços públicos é alvo de outro sub-projeto: o Esperança.

“Hoje o Comupra não precisa tirar dinheiro do caixa para fazer a manutenção dos canteiros. A horta está caminhando para a auto-sustentabilidade”, celebra o vice-presidente. Apesar de ainda não ter um levantamento do que foi aplicado, “o que a gente está pretendendo chegar é recuperar o que foi investido”.

A iniciativa teve apoio amplo na escola. Segundo a diretora Terezinha de Bai, as mudanças foram sentidas dentro e fora da sala de aula. Há anos à frente da instituição, ela notou os alunos mais interessados. As hortaliças serviram, ainda, para enriquecer a



*Peças de artesanato confeccionadas por integrantes da Cooperativa Mista de Produção de Alimentos, Artesanatos e Prestação de Serviços do Ribeiro de Abreu*

merenda. “O que eu preciso para a cantina, eu retiro de lá também”, salienta. “Até a questão da disciplina, que não é fácil – são aproximadamente mil alunos de 5ª a 8ª série e o 2º grau em um único turno, sem quadra, sem sala de jogos, com uma biblioteca precária – mudou. Parece que, vendo vizinhos e conhecidos aqui dentro, eles estão respeitando e valorizando mais as pessoas”, destaca. A escola tem aproximadamente 2,3 mil alunos do Pré-escolar até o 2º grau.

A hora se tornou projeto pedagógico desenvolvido pela professora Carolina Angélica de Miranda Santos com as crianças da fase introdutória da Educação Infantil, com idade de seis anos. Na sala de aula, elas fazem um chapéu de jornal, para se proteger do sol, e recebem informações sobre as fases de desenvolvimento das plantas. Na horta, os alunos acompanham a preparação do solo.

também disse que as atividades tiveram reflexos nas famílias. “Houve casos de pais que vieram buscar mudas para plantar em casa”, relata. Este ano, a proposta é fazer o mesmo trabalho com os alunos do Ensino Fundamental.

“O Comupra não está dentro da escola só para mexer com a horta, nós estamos dentro da escola para mexer com a escola”, diz o vice-presidente. Por meio do sub-projeto Crescer, foi criada a escolinha de futebol de salão. Ela funciona aos sábados e domingos, no período da manhã, na quadra escolar, um espaço sem bebedouro e banheiro. Enquanto ensinam as regras e os fundamentos do esporte, os monitores tentam construir novos valores junto com quase 60 crianças e adolescentes de todas as idades. “A idéia é não limitar a proposta à formação esportiva, tendo em vista a cultura,

cooperativa. A Cooperativa Mista de Produção de Alimentos, Artesanatos e Prestação de Serviços do Ribeiro de Abreu, Cooperpaps, está operando há quatro meses. Coordenados pela presidente do Comupra, Alaíde Braga, os 32 cooperados já têm uma casa-sede alugada e atendem encomendas de doces e salgados. Os artigos manuais, feitos com materiais reaproveitados estão sendo expostos em feiras e eventos de instituições da sociedade civil.

## Planos para o futuro

“Se você vai vender um sonho, comece a fazer”. Seguindo esta “filosofia” o Comupra quer tornar realidade outros desejos da comunidade. Um curso de informática para todos, autosustentável e com custo baixo. Esta é uma das propostas do sub-projeto Mira, coordenado por Ubiratan Vieira Castelo Branco e David Emanuel de Souza. Outra proposta do Mira é o curso de Inglês com custo zero, em fase de implantação. Os professores e o material didático serão cedidos por uma instituição religiosa.

Com cerca de 3,6 mil famílias beneficiadas em todos os projetos até hoje, o Comupra segue trabalhando pela construção de um complexo viário, desocupação e municipalização da MG-020, renaturação do Ribeirão do Onça, diminuição dos índices de violência e preservação de áreas verdes. Com ações pontuais, os moradores propõem uma nova forma de intervenção na realidade, concordando com um dos mais revolucionários educadores do Brasil, Paulo Freire. Ele dizia que *“de anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes, aprendi sobretudo que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica em lutar por ela. A paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social”*.

Dayse Lacerda

Jornalista profissional, especialista em “Comunicação: Novas Tecnologias e Hipermídia” e em “Comunicação e Gestão Empresarial”. Licenciada em Filosofia. Membro do Grupo de Estudos de “Ecologia do ambiente” do Centro de Ecologia Integral - Cei



O esporte é um dos meios para a formação ética dos jovens

Cada um recebe uma muda em ponto de plantio e por ela fica responsável até o momento da colheita. “Observando os trabalhadores da horta, eles aprendem a fofar a terra, a fazer a cova e a plantar”, narra a professora. Durante aproximadamente 45 dias, os estudantes fazem visitas periódicas ao canteiro, para aguar e tirar o mato que cresce ao redor. No dia da colheita, cada criança leva a sua hortaliça para casa. Para fechar as atividades, a classe recebe a visita de uma nutricionista do posto de saúde para falar sobre alimentação. A educadora

o lazer e a formação ética”, explica José Neilron de Souza Ramos, coordenador do projeto. A bola e os uniformes – usados – foram doados. Também fazem parte do Crescer o grupo de música do Escola Viva Comunidade Ativa, que se reúne aos sábados para treinar partituras compradas em bancas de revista, e a turma do vôlei, que se encontra nos domingos pela manhã.

No Alfabetizar-se e na pesquisa da Ação Integrada, o Comupra identificou pessoas desempregadas, mas criativas e habilidosas. Elas se reuniram e decidiram criar uma

# Folclore

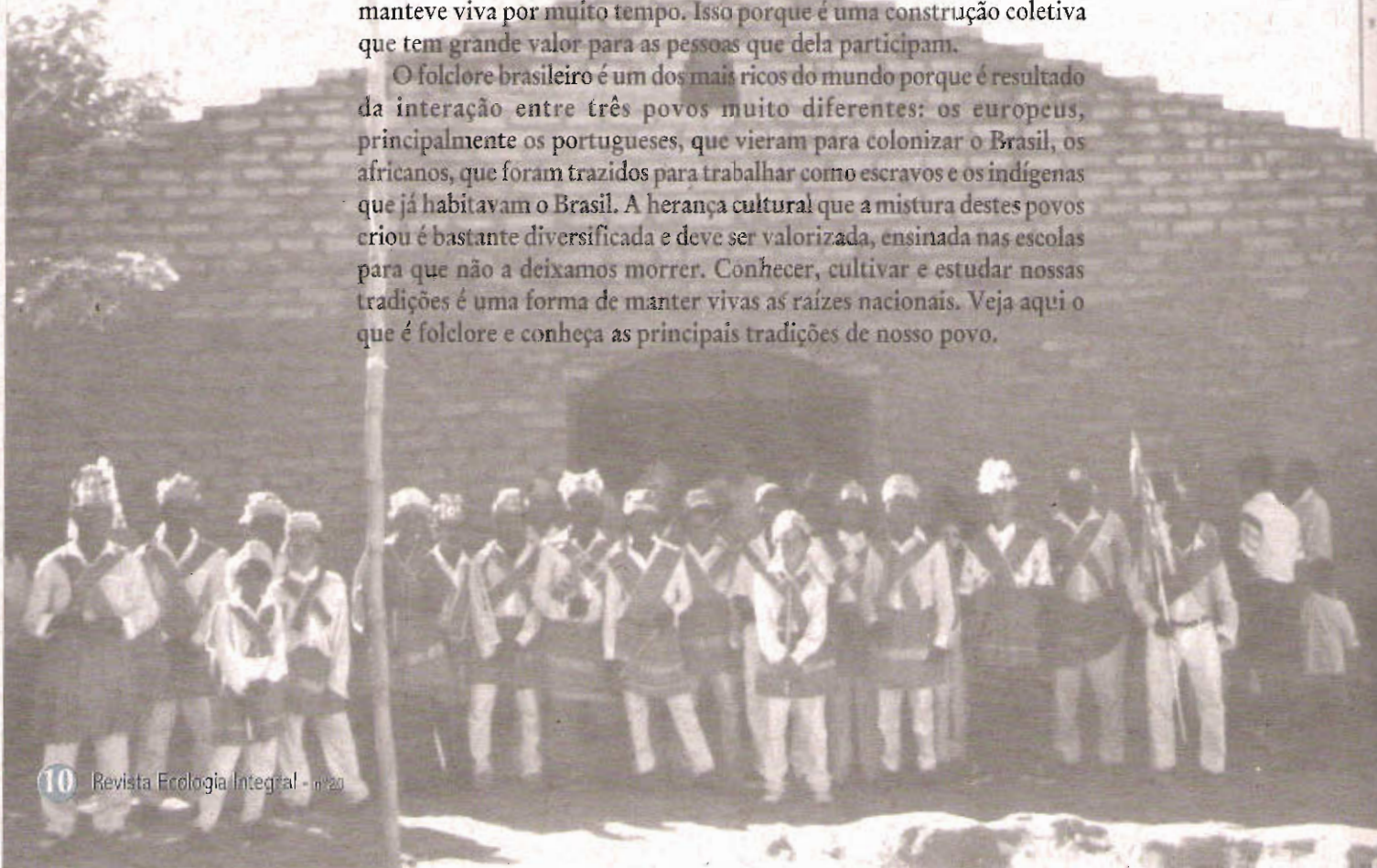
## O resgate da cultura popular brasileira

É comum as pessoas guardarem ao longo de suas vidas pequenos objetos que trazem boas recordações e ajudam a contar a sua história. Costumes, expressões, histórias, receitas também são mantidos por gerações e repetidos, até de forma inconsciente, ajudando a construir e perpetuar a memória de uma família.

O diploma do ginásio, a medalha do torneio de futebol, a macarronada aos domingos, uma oração, um gesto, um brinquedo, o anjo com quiabo, a certidão de nascimento, a caderneta escolar, o abraço apertado, aquela moeda antiga, um casaquinho de lã feito pela bisavó, enfim, são recordações sob a forma de pequenos objetos ou ações que compõem uma parte da memória das pessoas. Assim como a sua família tem tradições e um folclore particular, com os povos acontece a mesma coisa. E todas aquelas manifestações que passam de geração para geração, criam laços entre as pessoas e dizem respeito à identidade daquele grupo fazem parte do folclore.

Cada povo tem uma cultura própria, resultado da interação entre as pessoas em um determinado lugar em um tempo específico. E a cultura popular, ou folclore, não foi inventada por uma pessoa mas surgiu da interação das pessoas ao longo do tempo, passou de pai para filho e se manteve viva por muito tempo. Isso porque é uma construção coletiva que tem grande valor para as pessoas que dela participam.

O folclore brasileiro é um dos mais ricos do mundo porque é resultado da interação entre três povos muito diferentes: os europeus, principalmente os portugueses, que vieram para colonizar o Brasil, os africanos, que foram trazidos para trabalhar como escravos e os indígenas que já habitavam o Brasil. A herança cultural que a mistura destes povos criou é bastante diversificada e deve ser valorizada, ensinada nas escolas para que não a deixamos morrer. Conhecer, cultivar e estudar nossas tradições é uma forma de manter vivas as raízes nacionais. Veja aqui o que é folclore e conheça as principais tradições de nosso povo.



# O que faz parte do folclore?



Fotos: Desidre Reus

O Folclore é uma parte importante da cultura nacional. Ele diz respeito à sabedoria do povo, nasceu de forma espontânea, fruto da imaginação das pessoas, foi preservado através da tradição oral e abrange todos os campos da vida humana. Fazem parte do Folclore os mitos e as lendas; as estórias, as parlendas, as adivinhações e os provérbios; as juras e os pregões; os xingamentos e os gestos; as danças, o teatro, as artes, os instrumentos e as cantigas; as festas tradicionais; as crenças e as crendices; a magia, os tabus e as superstições; a medicina popular, os rezadores, as rezadeiras, os benzedores e as benzedadeiras; as trovas, os contos e os romances, as orações, os brinquedos e os jogos; as técnicas populares; a culinária; as rendas, os bordados, as cestarias e os trançados característicos de um povo.

## Popular ou folclórico?

Qual é a diferença entre popular e folclórico? O folclore é popular, mas nem tudo que é popular é folclórico, segundo estudiosos do assunto, como Luís da Câmara Cascudo, importante folclorista e pesquisador, que viveu de 1898 até 1986. Para um costume ser considerado folclore é preciso ter origem anônima, ou seja, não se saber ao certo quem o criou. Deve ser aceito e praticado por um grande número de indivíduos. Também precisa resistir ao tempo e ser passado de geração em geração através da boca a boca.

## Origem da palavra

A palavra folclore é derivada do inglês *folk*, que quer dizer povo, e *lore*, que significa estudo, conhecimento. Portanto, folclore é o estudo dos costumes e tradições de um povo. Esse termo foi criado pelo pesquisador da cultura européia, o arqueólogo inglês William John Thoms (1803-1885) que em 22 de agosto de 1846, publicou um artigo com o título "Folk-lore", na revista *The Athenaeum*, propondo a criação do termo. Com isso, o dia 22 de agosto tornou-se o dia mundial do folclore, por ser a data de referência do surgimento do termo. William John Thoms utilizava o termo *folk-lore* para indicar o conjunto de antiguidades populares, referindo-se principalmente aos objetos da arte popular, o artesanato. Mas em seu famoso artigo, Thoms citava também usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, refrãos e superstições dos tempos antigos.

## O fato folclórico tem algumas características próprias

O fato folclórico deve ser anônimo, ter aceitação coletiva, transmissão oral, tradicionalidade e funcionalidade.

Ser anônimo quer dizer que não se conhece seu criador. O nome da pessoa que criou determinada música, dança ou ditado não foi registrado e se perdeu com o passar do tempo. Como o fato folclórico acaba sendo assimilado pelas pessoas em geral, passa a ser do povo que o modifica e o transforma, dando origem a inúmeras variantes. Por esse motivo uma determinada música pode ter trechos diferentes em várias regiões do país. "Quem conta um conto acrescenta um ponto" e como não há um regulamento geral das brincadeiras de roda, por exemplo, elas podem ser modificadas com o passar dos tempos sem que ninguém tenha que pedir permissão ao dono da

brincadeira. Tudo é livre, apesar da existência de uma estrutura básica, e só depende da aceitação do povo.

A transmissão oral é o famoso boca a boca, pois antigamente as pessoas não tinham as facilidades que temos hoje para digitar, imprimir, xerocar, escanear, fotografar, filmar... Eles se valiam das conversas ao redor da fogueira, no balcão do armazém, nas missas, nas procissões... Como as pessoas não tinham acesso fácil a jornais ou a livros, os conhecimentos precisavam ser passados de pessoa para pessoa senão desapareciam. Essa forma de transmissão oral ainda persiste em meios tradicionais e no interior de nosso país.

A tradicionalidade significa que as pessoas buscam nas lições do passado, repassadas pelos pais e avós, o que é importante para eles no presente. A tradição, que

é o modo vivo e atual pelo qual se transmitem os conhecimentos, não ensinados na escola, rege todo o saber popular, seja o desenvolvimento de um jogo, de uma dança, de uma técnica, seja uma atitude ante qualquer agente que exija definição de comportamento. Elementos de outras culturas entram em choque com o que é tradicional e podem inclusive se sobrepor aos hábitos.

A funcionalidade quer dizer que aquela ação precisa ter um sentido, uma razão de ser. Nada é feito se não houver uma motivação de ordem funcional, seja uma norma psicológica, religiosa ou social. Uma dança ou uma brincadeira têm em suas origens explicações muito mais complexas que simplesmente representem uma forma de diversão. Elas fazem parte de um contexto.

Saci-pererê, capoeira, angu com quiabo, rede de dormir, chapéu de palha, fita do Nosso Senhor do Bonfim, brincadeira de esconde-esconde, bumba-meu-boi...

## A origem das festas juninas

O costume de festejar o mês de junho surgiu na Europa antiga, antes do Cristianismo. Para os povos da Antigüidade, junho era um mês especial porque em todo o Hemisfério Norte, junho é o mês do solstício de verão: a partir daí, os dias passam a ser mais longos e quentes - época ideal para preparar a terra para o plantio. Na Antigüidade, quando a ciência ainda não havia explicado o funcionamento do universo, as alterações no clima eram atribuídas à magia e aos deuses. Dias quentes e ensolarados, depois dos meses frios do inverno e dos dias amenos da primavera, eram considerados um presente dos deuses. Assim, os povos daquela época criaram rituais para pedir e agradecer às divindades responsáveis por esses fenômenos.

Antes do Cristianismo dominar a Europa, as festas juninas comemoravam a deusa Juno, mulher de Júpiter, que fazia parte do panteão do Império Romano. Para diferenciar as festas de Juno da festa de João, a Igreja Católica passou a chamá-las 'joaninas'. Com o tempo, as festas joaninas, realizadas em junho, acabaram sendo mais conhecidas como 'juninas'.

No século IV, o cristianismo tornou-se a religião oficial do Ocidente e as principais celebrações não-cristãs foram sendo incorporadas ao calendário das festas católicas. Foi assim com o Natal, com o Dia de Todos os Santos e também com as festas juninas. Já no século VI, a Igreja Católica reservou o dia 24 de junho para comemorar o nascimento de São João Batista, que, segundo a Bíblia, batizou Jesus Cristo. Aos poucos os cristãos foram criando novos mitos para explicar as práticas anteriores.

## A festa no Brasil

Quando os jesuítas chegaram ao Brasil, difundiram várias festas religiosas que contribuíram para o objetivo catequizador dos padres sobre os nativos. Os indígenas se interessaram pelas festas joaninas pois estas coincidiam com o período em que os índios realizavam seus rituais de fertilidade. De junho a setembro é época de seca em muitas regiões do país. Os rios baixos e o solo seco deviam ser preparados para o plantio. Os roçados do ano anterior ainda estavam repletos de mandioca, cará, inhame, batata-doce, abóbora e abacaxi. Também era época de colheita do milho, do feijão e do amendoim. Tanta fartura era considerada uma bênção e devia ser comemorada com danças, cantos, rezas e muita comida. Essa coincidência de comemorações fez com que as festas juninas ficassem entre as preferidas da população. E a tradição mantém-se até hoje em várias cidades brasileiras: nas festas juninas é hora de agradecer a fartura do ano anterior, reunir a família e a comunidade e pedir para que a próxima colheita seja próspera.

## Santos de junho

Em junho, celebramos as festas de três santos: Santo Antônio, no dia 13, São João no dia 24 e São Pedro no dia 29. Nessas datas, principalmente no interior do País, acontecem grandes festas com novenas, danças típicas em arraiais, brincadeiras, fogos de artifício, fogueiras e o consumo de iguarias da culinária popular brasileira.

## Versões da fogueira

Além de ser um elemento de reunião das comunidades e famílias, a fogueira tem outros significados milenares como a proteção contra maus espíritos, purificação, agradecimento e homenagem a deuses. Mas existem outras duas explicações para a tradição das fogueiras em junho, principalmente na festa de São João. Na explicação lendária, quando Nossa Senhora foi visitar Santa Isabel, que estava prestes a ser mãe de São João Batista, ficou combinado um sinal, para quando o menino nascesse: se ele nascesse de dia, Isabel mandaria içar uma bandeira branca. Se à noite, uma fogueira avisaria Maria. Como João nasceu à tarde, Isabel determinou as duas providências. Essa seria também a explicação do Mastro de São João, e das bandeirolas coloridas que enfeitam os locais das festas.

Mas segundo a explicação histórica, o costume de se acender fogueiras nesta época do ano veio para o Brasil com os descobridores, e é um dos mais antigos do mundo, aparecendo em lendas de todos os povos. Na Europa era costume se acenderem fogueiras entre os dias 21 e 22 de junho, em homenagem ao Sol. A Igreja adotou o costume, passando para a festa do santo do dia, São João. Portugueses, italianos e espanhóis trouxeram o costume para o Novo Mundo, onde já existia algo parecido nas festas ao Sol, do Peru, por exemplo.

pé-de-moleque, fogueira, canjica, vestido de chita, pau-de-sebo, pescaria, Santo Antônio, bandeirinhas, olha a cobra! É mentira!, São João, chapéu, forró...

## Fogos e balões

Segundo a tradição popular, o barulho dos fogos de artifício espanta maus espíritos e acorda São João para a festa. Já os balões simbolizam a oferenda aos céus para a realização de pedidos ou agradecimento de desejos satisfeitos. Empregados inicialmente na iluminação festiva, os balões, de origem chinesa, foram levados para Veneza, disseminando-se pela Europa e América.

Mas fogos e toijões, apesar de tradicionais nas festas juninas, representam um perigo para as pessoas e o meio ambiente, assim como os balões. Esta atividade aumenta em 50% a incidência de pacientes com queimaduras nos hospitais de todo o Brasil durante o período das festas juninas. Acontece por ano no Brasil cerca de um milhão de acidentes com queimaduras, destes, em torno de 200 mil são notificados pelos hospitais e 10 mil se tornam vítimas. Das pessoas atendidas anualmente, 40% estão na faixa entre 3 a 12 anos de idade.

Os fogos e balões podem atingir combustíveis e materiais inflamáveis e também incendiarem florestas e campos. Por esse motivo, continua válida a campanha “Balão no Céu, Perigo no Chão”.

De acordo com a nova Lei de Crimes Ambientais, Lei Nº 9.065, de fevereiro de 1998, não somente soltar balões agora é “crime”, como também fabricar, vender ou transportar. A pena prevista é de detenção de um a três anos ou multa, ou ambas as penas cumulativamente.

## Crendice popular

Durante o mês de junho, em vários pontos do Brasil, onde se acendem fogueiras e onde as quadrilhas acontecem, é comum uma série de superstições. Muitas delas são ligadas ao casamento, especialmente próximo ao dia 13 de junho, o dia de Santo Antônio, o santo casamenteiro.



Foto: Inaciana Gomes

O “Arraiá de Belô”, realizado pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, promove todos os anos o concurso de quadrilhas que, em 2004, contou com a participação de mais de 300 grupos de todo o estado, mantendo viva a tradição das festas juninas



As escolas incentivam a tradição das festas juninas, envolvendo crianças e adultos

## Casamento na roça

Uma das mais divertidas tradições das festas juninas é, sem dúvida, o casamento caipira. A história sofre pequenas variações, mas o enredo é sempre o mesmo: o pai da noiva, que está grávida, simbolizando a fertilidade do solo e humana, obriga o noivo a se casar. Desesperado, o noivo tenta fugir, mas é impedido pelo delegado e seus soldados, que arrastam o “condenado” ao altar e vigiam a cerimônia. Depois que o casamento é realizado, inicia-se a quadrilha.

## Pau-de-sebo

É uma das brincadeiras mais comuns das festas juninas e tem origem portuguesa. Prêmios são colocados na ponta de um mastro engraxado com sebo. Ganha quem conseguir escalar o mastro, que tem no mínimo 5 metros de altura, e pegar a prenda.

## Comidas típicas

A grande variedade de comidas e bebidas presentes nessas festas é para lembrar da fartura da colheita do ano. Canjica, batata, mandioca assada, pé-de-moleque, pipoca são alimentos típicos de junho feitos com o que é oferecido pela terra.

## Quadrilha

Em 1808, com a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, difundiu-se, entre outras coisas, uma dança de origem francesa que logo caiu no gosto popular e foi incorporada às festas juninas: a quadrilha. Além dela, atualmente também são comuns folguedos e danças específicas de cada região do país. Por exemplo, no Nordeste, dança-se o coco e o boi-de-são-joão. Nas regiões cafeeicultoras, o cateretê, a cana-verde, o samba-de-lenço, a ciranda e o batuque. No Amazonas, a polca, a valsa e o samba.

A quadrilha foi criada na Inglaterra, por volta do século XIV, sendo utilizada nas comemorações camponesas por ocasião das colheitas fartas. Mais tarde ela se tornou dança da corte. Os portugueses são os responsáveis pela sua introdução no Brasil, primeiro como prática da aristocracia e depois do povo.

# As principais manifestações folclóricas brasileiras

## A música e a dança

A grande diversidade de influências presente na formação da população brasileira pode ser vista também na dança e na música. Os ritmos cadenciados próprios dos povos africanos e os movimentos presentes nas danças indígenas misturaram-se ao costume de frequentar bailes, típico dos europeus. Dessa miscelânea surgiu uma grande variedade de gêneros musicais. Mais de 350 já foram registrados na música brasileira que é conhecida mundialmente por sua criatividade e qualidade.

## O carnaval

Um dos principais cartões de visita do Brasil no exterior é o carnaval com suas escolas de samba, fantasias coloridas e blocos de rua. No início da Era Cristã, o carnaval era uma festa para celebrar a alegria, antes dos 40 dias de contrição da Quaresma. No Brasil, desde o século XVIII, ele é comemorado, com bailes para a elite e desfiles de blocos nas ruas para o povo. As escolas de samba surgiram a partir dos antigos blocos, ranchos e cordões. As marchinhas carnavalescas como *Abre alas* ou *Bandeira branca* são tocadas há gerações e até hoje embalam os foliões.

## Folias de Reis

Populares na Europa, as folias de Reis são dedicadas aos três reis magos que visitaram o Menino Jesus. Chegaram ao Brasil com os colonizadores portugueses. Ocorrem no Norte e Nordeste do País no chamado ciclo de Natal, que vai de 24 de dezembro a 2 de fevereiro. O Dia de Reis é comemorado em 6 de janeiro. Homens fantasiados de reis saem cantando e dançando pelas ruas e param nas casas onde há presépios. Ali, cantam, dançam e abençoam a família com uma bandeira que representa a divulgação do nascimento de Jesus.

## Reinado ou Reisado do Rosário

As festas de Reisado do Rosário ou Reinado tiveram início em Ouro Preto e hoje acontecem principalmente na região metropolitana de Belo Horizonte, Sete Lagoas, Montes Claros, Raposos, Oliveira, Bom Despacho e Dolores do Indaiá. A origem destas festas está ligada à Igreja Nossa Senhora do Rosário, situada na antiga Vila Rica. Segundo a lenda, o escravo batizado com o nome de Chico-Rei, veio da África com outros membros de sua família. Na viagem, perdeu mulher e filhos, com exceção de um. Chico-Rei foi para Vila Rica e com o passar do tempo, com as economias obtidas no trabalho aos domingos e dias santos, conseguiu a alforria do filho. Posteriormente, obteve a própria alforria e a dos demais súditos de sua nação que lhe apelidaram de Chico-Rei. Unidos a ele, pelos laços de submissão e solidariedade, adquiriram a riquíssima mina da Escandideira. Casado com a nova rainha, a autoridade e o prestígio do "rei preto" sobre os de sua raça foi crescendo. Organizaram a Irmandade do Rosário e Santa Efigênia, levantando pedra a pedra, com recursos próprios, a Igreja do Alto da Cruz. Por ocasião da festa dos Reis Magos, em janeiro, e na de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, havia grandes solenidades típicas, que foram generalizadas com o nome de "Reisados". Nestas festas, Chico-Rei, de coroa e cetro, e sua corte apareciam lá pelas 10 horas, pouco antes da missa cantada, apresentando-se com a rainha, os príncipes, os dignatários de sua realeza, cobertos de ricos mantos e trajes de gala bordados a ouro, precedidos de batedores e seguidos de músicos e dançarinos, batendo caxambus, pandeiros, marimbás e canzãs, entoando ladainhas.

*Ao lado, imagens das cortes de Reinado ou Reisado do Rosário, da cidade mineira de Bom Despacho, festa realizada no mês de agosto*

## Festa do Divino

De origem européia, são festas que lembram a descida do Espírito Santo. O festeiro, chamado o imperador do divino, é o responsável pela festa. Os foliões do Divino percorrem o município pedindo prendas e donativos para a festa. Carregam uma bandeira vermelha com a figura da pomba, simbolizando o Divino, que é tratada com o máximo respeito, sendo-lhe atribuídos dons especiais, principalmente com relação à cura e melhora de doentes.





## As danças dos negros

Batuque é a denominação genérica para as danças dos negros africanos. Carimbó, tambor de crioula, bambelô, zambê, candomblé, samba de roda, jongo, caxambu são alguns dos batuques ainda praticados em todo o Brasil, principalmente nas ocasiões em que os negros se reúnem para festejar ou lembrar a escravidão. A palavra “batuque” aparece nos relatos mais antigos da nossa história. No entanto, não se sabe se ela se refere a uma dança de sapateados e palmas ou a um ritual religioso. Sabe-se, porém, que os senhores tinham total desprezo pelas práticas culturais africanas por considerá-las escandalosas. A umbigada, gesto em que os ventres do homem e da mulher se encontram no ponto culminante da música, era uma das danças desprezadas pelos senhores de engenho.



## Congada e cateretê

A congada e o cateretê começaram a ser praticadas no período em que o Brasil ainda era colônia de Portugal, graças ao incentivo dos jesuítas. A congada era usada na catequização dos negros e o cateretê, na dos índios.

A congada dramatiza uma batalha entre cristãos e mouros. Os cristãos saem vencedores e os perdedores são batizados e convertidos. E todos se unem num louvor conjunto a São Benedito, padroeiro dos negros. Assim é a congada, bailado popular praticado do Ceará ao Rio Grande do Sul. A tradição relembra a coroação do rei dos congos e era usada pelos jesuítas para apaziguar o instinto guerreiro dos escravos negros. Até hoje, a congada é o ponto alto das festas do Divino Espírito Santo.

O Cateretê, também chamado de Catira ou Xiba, ao contrário de outras danças folclóricas, nasceu no Brasil. Ainda na época da Colônia, era utilizada pelos jesuítas na catequese dos índios, nas comemorações em homenagem a Santa Cruz, São Gonçalo, São João e Nossa Senhora da Conceição. No interior de São Paulo e no Rio de Janeiro ainda é possível observar festas em que se dança o cateretê. Em alguns locais a dança é praticada com tamancos de madeira. O dançarino procura “pisar nas cordas”, ou seja, acompanhar o som da viola com os pés. Também é comum a presença de um “tirador de palmas”, pessoa que puxa as palmas enquanto as outras dançam.

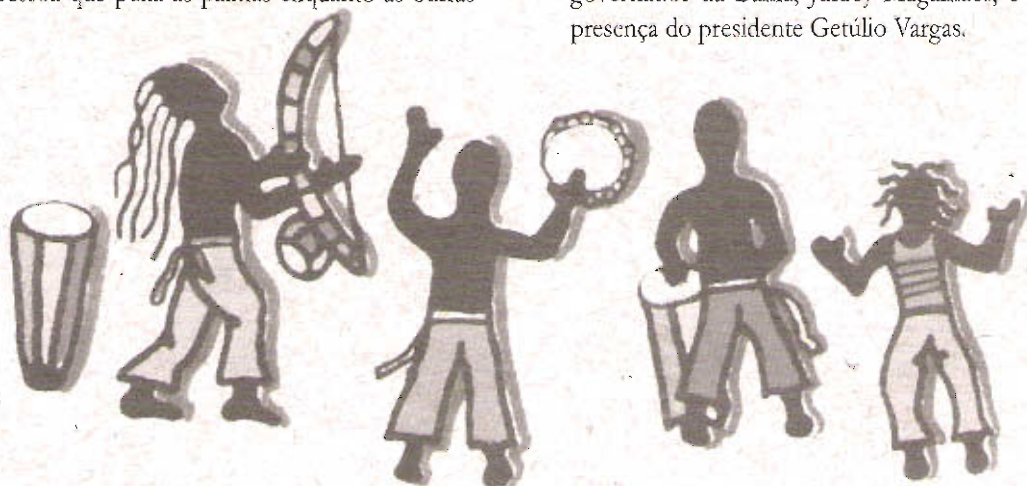
## Capoeira

A capoeira surgiu com os escravos africanos vindos de Angola. Ela é uma mistura de dança e luta e é praticada em roda, ao som de instrumentos como o berimbau, pandeiro e caxixi, além das palmas e do canto dos participantes.

No Brasil, os negros tiveram boa parte de sua cultura reprimida pelos senhores. Principalmente, as manifestações consideradas “violentas” foram reprimidas e proibidas. Os escravos, então, transformaram sua luta em dança, introduzindo instrumentos musicais e movimentos cadenciados que serviam de diversão e podia ser usada como defesa pessoal em caso de necessidade. Na roda de capoeira, os escravos enganavam os senhores de engenho e praticavam luta disfarçada de dança.

Quando um escravo negro fugia, os outros diziam: “Foi para a capoeira, caiu na capoeira.” Capoeira significava mara e aos poucos, a palavra também passou a designar a luta que era disfarçada em dança.

O Código Penal de 1890 previa castigos corporais e desterro para quem praticasse capoeira. A capoeira deixou de ser considerada passatempo de vagabundos e marginais e passou a ser mais valorizada apenas na década de 1930, quando um grupo comandado por Mestre Bimba apresentou-se no Palácio do Governo. O convite foi feito pelo próprio governador da Bahia, Juracy Magalhães, e contou com a presença do presidente Getúlio Vargas.



## Maracatu

Antigamente, os cortejos de maracatu podiam ser vistos em festas religiosas, cívicas e populares. Hoje só acontecem durante o carnaval, principalmente em Pernambuco. No maracatu, os blocos saem pelas ruas cantando e dançando, divididos em alas que representam as nações africanas. Ao som de tambores, chocalhos e gonguê, o cortejo segue os bonecos gigantes, os calungas, que representam o príncipe Dom Henrique e a princesa Dona Clara. Os outros personagens são príncipes, damas, embaixadores, vassalos, escravos, dama-do-paço e indígenas.

O maracatu nasceu nos cortejos religiosos da tradição afro-brasileira, nos quais os negros acompanhavam os "reis" eleitos pelos escravos para a coroação nas igrejas. A cerimônia era seguida de batuque em homenagem à padroeira, Nossa Senhora do Rosário. Mesmo estando no período da escravidão, para provar que ainda mantinham seu poder e prestígio, os reis africanos participavam dos cortejos religiosos que era a única ocasião social à qual os negros tinham acesso, acompanhado por seus seguidores. Esses cortejos eram chamados maracatus e acabaram se tornando uma representação muito comum em festas populares.

## Frevo

O frevo é uma dança típica de Pernambuco. Os passos são feitos com muita improvisação e a ajuda de sombrinhas e guarda-chuvas. Nas cidades de Recife e Olinda, o frevo roma conta das ruas na época de carnaval. Bonecos gigantes, de três metros de altura, saem dançando no meio do povo, para animar a festa. Os bonecos mais tradicionais são o Homem da Meia-Noite, a Mulher do Meio-Dia, o Filho do Homem da Meia-Noite e o Menino e a Menina da Tarde. Os blocos, com nomes curiosos, reúnem homens e mulheres de todas as idades. O "Bacalhau do Batata", que só desfila na quarta-feira de Cinzas, é um dos mais tradicionais.

Pesquisadores do folclore nordestino na década de 1940, descobriram que os passos do frevo podem ter sido trazidos por ciganos de origem eslava e espanhola ou o ritmo pode ter surgido de uma divertida disputa entre as bandas militares de Recife. As bandas rivais costumavam competir com coreografias usando balizas (bengalas). Com o tempo, misturou-se a outros ritmos como maxixe, modinha, polca, quadrilha e pastoril, ganhando características próprias.

## Forró

O forró surgiu no século XX nas casas de dança nordestinas e espalhou-se por várias cidades brasileiras. O xote, o baião e o xaxado são os três estilos do forró, marcados pelo som de zabumbas, triângulos e sanfonas. O xote, de origem européia, é o mais lento. O casal dança dando dois passos para um lado e dois para o outro. O baião, criado no final da década de 1940, é o mais rápido e exige maior deslocamento. Já no xaxado, os movimentos são marcados por um dos pés batendo no chão.

A origem da palavra forró tem versões. Alguns pesquisadores afirmam que é uma abreviação de forrobodó (confusão, bagunça). Para outros, a palavra originou-se do inglês *for all*. Os defensores dessa ideia contam que, durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos instalaram uma base militar na cidade de Natal, com cerca de 15 mil soldados americanos, que tiveram forte influência na vida local. Os lugares em que eram organizados os bailes eram conhecidos como *for all* (para todos). A população dizia "forrol", que teria virado "forró".

## Trava-língua

Os trava-línguas são brincadeiras verbais, desafios alegres e engraçados, que também servem como exercícios para melhorar a pronúncia. Você consegue repetir bem depressa os trava-línguas abaixo?

- A rua de paralelepípedo é toda paralelepipedada.
- Um tigre, dois tigres, três tigres.
- O rato roeu a roupa do rei de Roma.
- Eu cantarolaria, ele cantarolaria, nós cantaroláramos, eles cantarolariam.
- Embaixo da pia tem um pinto que pia, quanto mais a pia pinga mais o pinto pia.
- Fia, fio a fio, fino frio, frio a frio.
- O Pedro pregou um prego na pedra.
- Tanto a aranha arranha a arara como a arara arranha a aranha.
- A rua estava toda enladrilhada. Oh! Quem a enladrilhou! Oh! Quem a desenladrilhará? O mestre que a desenladrilhar, bom desenladrilhador será.

panelas de barro, carnaval, futebol, rendas, catira, pão de queijo, procissão, simpatias, goiabada cascão, água mole em pedra dura tanto bate até que fura...

## As lendas brasileiras

Lendas são histórias passadas de geração para geração, pela tradição oral, que relatam de forma simbólica a origem de determinado fenômeno, ser vivo, acidente geográfico ou costume social

### Lenda do guaraná

Dizem que em certa tribo, as colheitas e a pesca eram sempre fartas graças a um indiozinho. Porém, o tal curumim veio a morrer. A tristeza foi tanta que o deus Tupã ordenou que os olhos do menino fossem arrancados, plantados e regados com as lágrimas da tribo. Deles nasceria a planta da vida, que fortaleceria os jovens e daria vigor aos velhos. Foi assim que nasceu o guaraná, fruto cuja parte interna se parece com um olho humano.

### Lenda da mandioca

Conta-se que uma índia teve uma linda filhinha chamada Mani. Após um ano de vida, a pequena morreu. No local em que ela foi enterrada, nasceu uma bonita planta. A mãe chamou-a de maniva, em homenagem à filha. Os índios passaram a utilizar a tal planta para fabricar farinha e cauim, uma bebida de gosto forte. A planta ficou conhecida então como mandioca, mistura de Mani e *oca* (casa de índio). Tornou-se um símbolo de alegria e abundância por ser tão útil – das folhas às raízes – aos índios.

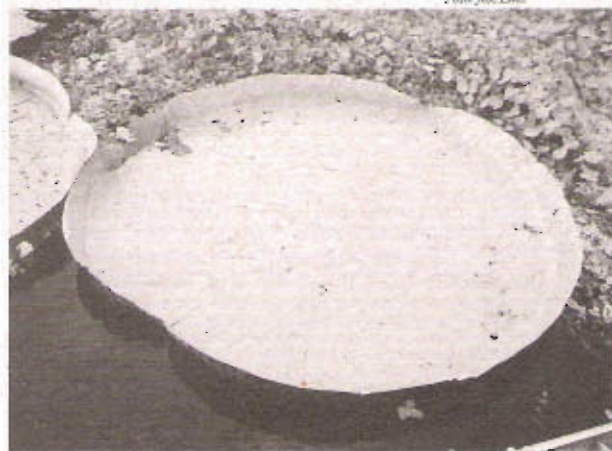
### O surgimento dos bichos

Num tempo muito antigo, quando só havia pessoas no mundo, a tribo dos aués planejou uma festa. O índio Hété-nacop foi escolhido para receber os convidados. Chamada para a festança, sua noiva recusou o convite, dizendo que estava doente. Mas, na verdade, ela planejava chegar à festa antes do noivo para namorar outros homens. E assim fez. No meio do caminho, alguém contou para o noivo que a moça já estava na festa e não parava de flertar com os outros índios. Hété-nacop não quis acreditar. Transformou-se num pássaro veloz e chegou rapidamente ao local da festa. Lá, viu a noiva dançando alegremente com outro índio. Furioso, ele pediu à chuva, ao trovão e ao raio que mandassem uma tempestade. E começou a bater em todo mundo. Além de dar uma boa surra em sua noiva, puxou-lhe o nariz. Eis que a índia se transformou num tamanduá-bandeira. O parceiro de dança, que também teve o nariz puxado, virou uma anta de nariz comprido. Teve índio que virou morcego e saiu voando. Outros viraram periquitos, cobras, lagartos, jacarés. Os outros convidados da festa, coitados, também não escaparam do ataque de ciúmes de Hété-nacop. Ganham patas ou asas, transformando-se em onças, urubus, macacos, capivaras, sapos, borboletas, tartarugas, grilos... E foi assim que nasceram os animais.

### Lenda da vitória-régia

Certa noite, uma jovem índia ficou fascinada com o brilho da Lua refletido num lago. Apaixonada por aquela luz mágica, atirou-se nas águas e desapareceu para sempre. A Lua, comovida com aquele gesto de amor, transformou a moça numa linda flor, que flutua sobre a superfície das águas de alguns rios da Amazônia: a vitória-régia. Assim como a Lua, a vitória-régia se abre ao entardecer e se fecha com o clarear do dia.

Foto: José Luiz



### Gralha azul

Lenda muito comum no sul do Brasil conta que um dia, uma gralha foi acordada pelo som dos pinheiros sendo derrubados por lenhadores. Triste com a maldade dos homens, ela voou em direção ao azul do céu, onde ouviu uma voz dizendo que, por se preocupar com as florestas, a partir de então, ela teria a cor azul e seria responsável por ajudar a plantar pinheiros na Terra.

### Bicho-papão

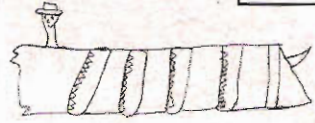
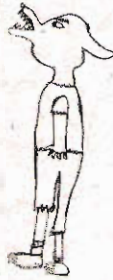
Um personagem muito comum no imaginário infantil, esse monstro assusta e pega crianças. O bicho-papão tem outros parentes espalhados pelo Brasil. Em Pernambuco, há a cabra-cabriol, um monstro de dentes enormes, que solta fogo pelos olhos, pela boca e pelo nariz e gosta de assustar crianças. Mete medo nas crianças e não deixa que eles cometam travessuras. Em João Pessoa, na Paraíba, existe também o minguosoto, um fantasma senhor das águas dos rios e dos lagos, que amedronta as crianças.



Foto: Wilson Tadeu Marcondes

# Cruzadinha da Florinda

Vejam se vocês conseguem descobrir os nomes de alguns dos principais mitos brasileiros. Observe os desenhos... E na próxima página vocês vão aprender mais sobre eles.



Vertical word: N E G R I N H O

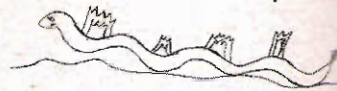
Horizontal word: D O P A S T O R E I O



Horizontal word: [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ]



Horizontal word: [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ] [ ]



Vertical word: [ ]

## Os mitos brasileiros

### Negrinho do Pastoreio

Essa lenda é muito conhecida no Rio Grande do Sul. Conta a história de um negrinho órfão, ainda menino, que é castigado até a morte por um fazendeiro muito malvado nos tempos da escravidão. Como não conhecia pai nem mãe, dizia-se afilhado de Nossa Senhora. Até hoje dizem que o Negrinho do Pastoreio pode ser visto cavalgando pelos pampas gaúchos.

### Caipora

O Caipora é protetor da fauna e da flora, originário da mitologia tupi-guarani. *Caá*, em tupi, significa mato e *pora*, habitante. Por acreditarem que o Caipora não gostasse de luz, os índios entravam nas matas carregando tochas para espantá-lo. Com o corpo coberto de pêlos e cabelos longos, o Caipora percorre a floresta montado num porco-do-mato.

### Boitatá

Personagem da mitologia indígena, seu nome significa serpente, *m'boi*, de fogo, *ta-tá*. O *M'boi-tatá* é descrito como uma serpente brilhante que habita rios profundos e absorve a luz dos olhos dos animais que devora mas também como um touro gigante que solta fogo pelas narinas e boca. Ataca os animais que se arriscam a entrar nos rios quando ela está por perto. Porém, em algumas regiões, dizem que castiga aqueles que põem fogo nos campos e também os caçadores que, à noite, matam os animais que estavam descansando.

### Mula-sem-cabeça

Mulher que se transforma em uma mula sem cabeça por ter feito alguma maldade ou como castigo por ter namorado um padre. Segundo a lenda, o encanto somente pode ser quebrado se alguém tirar o freio de ferro que ela carrega no pescoço. A lenda da Mula-sem-cabeça foi provavelmente trazida pelos portugueses e se espalhou pelos sertões, vilas, povoados e pequenas cidades do interior do Brasil. As primeiras referências à personagem surgiram na Idade Média. Na Argentina e no México, também são encontradas lendas similares.

### Lobisomem

O Lobisomem é um mito conhecido em praticamente todo o mundo, sendo uma mistura de homem e animal. Ele é o sétimo filho de uma família só de mulheres. Conta a lenda que em noite de lua cheia, o homem vira um monstro com forma de lobo, cachorrão preto ou escuro, com pêlos eriçados e unhas agudas. O Lobisomem espalha o terror por onde passa: ataca pessoas e animais e morde quem encontra pelo caminho.

### Lara

Originária da mitologia tupi-guarani, representada por uma serpente enorme e esverdeada que vivia nas águas dos rios, a figura da Mãe-d'água se fundiu à das sereias do folclore europeu, tornando-se uma linda mulher, de longos cabelos e dona de uma voz suave. Em noites de lua cheia, a lara senta-se sobre as pedras próximas ao rio, penteando seus cabelos verdes com um pente de ouro. Seu lindo canto atrai os homens para o fundo das águas, onde fica seu palácio.

### Boto

Vestido com roupas elegantes, o homem alto e bonito namora, conversa e antes da chegada da madrugada, volta para a água e para a sua existência de boto. Algumas versões da lenda falam que ele também costuma assumir a forma de uma moça muito bonita que atrai os jovens até o rio e mergulha com eles para nunca mais voltar.



### Curupira

A lenda do Curupira nasceu com os índios tupi-guaranis (*curu* é abreviatura de curumim, menino; *pira* significa corpo) e passou para os sertanejos. O Curupira é representado pela figura de um índio pequeno e ágil, cujos calcanhares são voltados para a frente para despistar os caçadores. Tem dentes verdes e cabelo vermelho ou, às vezes, cabeça pelada. É considerado senhor da caça e dono das matas, cujos segredos sabe e defende. Testa a resistência das árvores às tempestades batendo com os calcanhares nos troncos.

### Cobra grande

Diz a lenda que a cobra grande, conhecida como Boiúna na Amazônia, se transforma em homem ou em mulher. Por causa do seu poder enfeitiçador, ela leva as pessoas para o fundo das águas dos rios.

### Saci-pererê

Não se sabe ao certo a origem da lenda do Saci. Alguns atribuem aos índios, o termo *saci-pererê* é de origem tupi; outros, aos portugueses já que há uma lenda no folclore de Portugal sobre um negrinho travesso. O Saci é um moleque negrinho, de olhos brilhantes e vivos, tem meio metro de altura e usa uma carapuça vermelha, encantada. Embora não seja malvado, adora fazer travessuras como esconder objetos e trançar a crina dos cavalos.

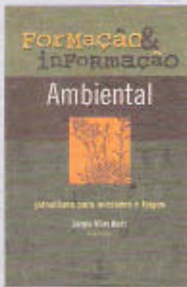
## Brincadeiras folclóricas

Que tal trocar a televisão, o videogame e o computador por brincadeiras em locais ao ar livre? As brincadeiras abaixo são bem antigas e muito legais. Pergunte para os seus pais como elas são, caso vocês não as conheçam, e se divirtam pra valer!

- Estátua
- Passar anel
- Amarelinha
- Queimada
- Chicotinho queimado
- Adoleta
- Cebra-cega
- Elefantinho colorido
- Jogo da velha
- Par ou ímpar
- Serra serra serrador
- Bem-me-quer, mal-me-quer

## Formação e informação ambiental

O livro "Formação e informação ambiental - Jornalismo para iniciados e leigos", organizado por Sergio Vilas Boas, reúne artigos com reflexões sobre o jornalismo ambiental praticado hoje pelos meios de comunicação.



Os temas energia, água, alimentos, ecossistemas, economia sustentável e inchaço urbano são abordados separadamente pelos escritores André Azevedo Fonseca, Carlos Tautz, Eduardo Geraque, Odo Primavera, Regina Scharf e Roberto Villar Belmonte que montam um amplo painel sobre as lacunas, os vícios e os caminhos para a cobertura jornalística sobre o meio ambiente.

(Summus Editorial - [www.summus.com.br](http://www.summus.com.br))

## Revista Curupira

Educação ambiental e cultura popular pela geração de um ambiente ecologicamente sustentável. Esta é a proposta da revista "Curupira", do Projeto Ecos, realizado pelo Grupo de Divulgação das Manifestações Folclóricas, Amalé. O Amalé é uma organização não-governamental, com sedem na cidade mineira de Juiz de Fora, e existe desde 1973. Em 31 anos de trabalho, o grupo desenvolveu um importante trabalho de registro, divulgação e valorização da cultura popular tradicional. Amalé é um instrumento musical semelhante ao afoxé - uma cabaça envolta por uma fina rede de malha em cujas interseções há um búzio. Informações sobre o grupo pelo site [www.grupoamale.org](http://www.grupoamale.org)



## Comunicação e mobilização social

O livro "Comunicação e estratégias de mobilização social", organizado por Márcio Simeone Henriques, é uma opção para quem busca orientações para a realização de diagnóstico e planejamento da comunicação com o objetivo de mobilização social. Os textos são uma adaptação do trabalho desenvolvido pelos alunos Clara Soares Braga, Daniela Brandão do Couto e Silva e Rennan Lanna Martins Mafra como Projeto Experimental, para a conclusão de sua graduação em Relações Públicas, voltado também para aplicação prática no Projeto Manuelzão da UFMG. (Gênesis Fundação Educacional e Cultural Tel. (37) 3236-4257)



## Na internet

Informações sobre cultura regional e nacional  
[www.ifolclore.com.br](http://www.ifolclore.com.br)  
[www.jangadabrasil.com.br](http://www.jangadabrasil.com.br)  
[www.grupoamale.org](http://www.grupoamale.org)

## Ecologia interior

Clermont Gomes Oliveira é o autor de "Ecologia interior - Uma ação educacional para o meio ambiente". A cartilha tem o objetivo de lançar um novo olhar sobre as disciplinas curriculares e introduzir os educadores nas novas dinâmicas e reflexões sobre o conteúdo ministrado no ensino fundamental e médio. O conhecimento da Ecologia interior contribui para que temas transversais à Matemática, à Física, à Biologia, à Química, possam contribuir para um processo mais amplo de educação através do autoconhecimento. (Novo Rumo Ensino e Imagens - [www.novorumo.com.br](http://www.novorumo.com.br))



Mais informações:

(31) 3281-4546 ou 9985-3185

(Evaldo Negreiros) [trilhasdagua@bol.com.br](mailto:trilhasdagua@bol.com.br)

## PARCERIA: TRILHAS D'ÁGUA - CEI

- ✓ **Fins de Semana Ecológicos** preparados especialmente para o CEI (Parques Estaduais e Nacionais, Estrada Real - Circuito do Ouro, Cidades Mágicas do Sul de Minas, entre outros).
- ✓ **Treinamento Empresarial** com esportes de aventura.
- ✓ **Roteiros personalizados** para grupos, empresas, escolas e associações.
- ✓ **Santiago de Compostela** - Espanha - Um Roteiro de Peregrinação (grupo em formação para agosto e setembro/2004 - Ano Santo Jubileu).
- ✓ **MACHU PICCHU** - A Cidade Sagrada dos Incas. (grupo em formação para julho/2005 - Festa do Sol).

Importante: Os assinantes da Revista Ecologia Integral e os colaboradores do CEI têm descontos

## Folclore e ciência - múltiplas versões da realidade

O conhecimento da verdade, a compreensão dos mistérios da natureza, marcam a trajetória da humanidade. Cada época, cada povo se inspirou em diferentes fontes tentando entender as dificuldades da vida e resolver os seus próprios temores.

A mitologia talvez seja o mais antigo registro desse conhecimento. A cada ser mitológico atribui-se uma lenda, uma história que não é verdade nem é mentira, mas a expressão de como se podia entender o mundo, a origem da vida, da Terra, do sol, das águas e do próprio ser humano. No mito, os deuses ou as forças naturais instalam a ordem no mundo, como uma verdade sagrada, notória e por isso dispensando provas, mas cujo conhecimento só é revelado a poucos iniciados.

Mais adiante a revelação cede espaço à opinião, o conhecimento apoiado nas sensações que chegam aos sentidos, ligado à aparência das coisas, por isso caracterizado como crenças.

Muitas dessas lendas e crenças, de aurores desconhecidas, atravessaram o tempo e são o que hoje chamamos de folclore, registros de uma civilização, suas tradições, conhecimentos, costumes, expressas em provérbios, contos, canções, festejos comemorativos, brincadeiras infantis.

Grande virada no rumo da formação do conhecimento, se dá com o advento da ciência, cuja fonte é a razão. Encontrar a essência do ser, a verdade escondida na aparência das coisas, desvendá-la e demonstrá-la pelo pensamento. Seu elemento não é nem a sensação nem a revelação mas a idéia ou pensamento. Como as verdades míticas não se originam da razão e a opinião, sendo própria do senso comum, não podiam ser ciência, conseqüentemente elas não podiam ser levadas a sério.

A ciência da racionalidade certamente que ampliou e muito a compreensão do mundo mas a um preço muito alto, tanto para a natureza quanto para a própria humanidade. Primeiro, o sujeito é separado da realidade, não se implicando na observação. Segundo, as sensações e percepções são

expurgadas, só considerado verdade o que se origina da razão. E, finalmente, o tempo histórico é desconsiderado, busca-se a essência sem olhar as circunstâncias.

Esse modelo da ciência clássica simplifica, reduz, segmenta o universo, para saber como ele funciona, acreditando em suas trajetórias previsíveis, determinadas, sustentados na certeza de uma realidade objetiva, o que só a partir da modernidade se começa a questionar.

Um questionamento que surge quando as idéias já não correspondem aos fatos, o relativo confronta o absoluto. Amplia-se a percepção para um mundo onde todos os elementos estão interligados, avançando da simplicidade para a complexidade, contextualizando os fenômenos. Reconhecendo que o mundo está em processo de tornar-se, que os fenômenos são irreversíveis e incontroláveis. Deslocando da objetividade para a intersubjetividade, onde não existe uma realidade independente de um observador. Na ciência moderna não se trata de achar qual teoria é verdadeira, e refutar a falsa, mas admitir que cada uma está num espaço de coerências diferentes e respondem a diferentes perguntas dos observadores. A preocupação com a verdade é substituída pelo reconhecimento de múltiplas verdades, de diferentes narrativas, não mais sobre a realidade tal qual ela existe, mas sobre a experiência. Não se pretende mais uma ciência pura, mas a construção do conhecimento do mundo de formas diferentes, sem subtrair as diferenças.

### Educação ambiental

É no folclore que estão inscritas as marcas dos diferentes povos que formaram cada nação, sua herança cultural. Seus hábitos, manifestações culturais, lendas, alimentação, artesanato, vestimentas, expressos nas canções de ninar, cantigas de roda, brincadeiras e jogos infantis, utensílios cotidianos ou objetos de ornamentação não podem ser desprezados apenas por não serem modernos. Conhecer, cultivar e estudar nossas tradições, que resistiram ao tempo e passaram de geração em geração,

de boca em boca, ao pé do fogo, na beira do fogão, nos encontros sociais, é uma forma de manter vivas as raízes nacionais, reconhecendo na miscigenação o enriquecimento da história.

*Conhecer e cultivar  
nossas tradições é uma  
forma de manter vivas  
as raízes nacionais,  
reconhecendo na  
miscigenação o  
enriquecimento da  
história*

O fato do conhecimento popular ter sido desqualificado como verdade, por não corresponder aos paradigmas da ciência clássica, significou tanto a perda de informações valiosas quanto a banalização da beleza poética inscrita nos primórdios da história da humanidade. E, ainda que seja inegável toda contribuição da ciência à evolução do mundo, como também muitos equívocos proporcionados pelas crenças populares, hoje, quem está ameaçando a sobrevivência na Terra é a ciência, considerando a constante ameaça pelas bombas atômicas, as manipulações genéticas, a rápida destruição dos recursos naturais.

Reaprender com os nossos antepassados significa admitir que o *conhecimento do mundo é construção social, em espaços consensuais, feito por diferentes observadores, com múltiplas versões da realidade em diferentes domínios lingüísticos de explicações, sem a superioridade de um em relação aos outros.*

#### *Sugestões de leitura:*

*Filosofia da Ciência - Introdução ao jogo e a sua regras - Rubem Alves - Edições Loyola - 2003*  
*Pensamento Sistêmico - O novo paradigma da ciência - Maria José Esteves de Vasconcellos - Editora PUC Minas e Papirus - 2002*

*Ana Mansoldo  
Psicóloga, pós-graduada em Educação Ambiental e  
colaboradora do Centro de Ecologia Integral - Cei*

# você já pensou sobre isso?

## O que pode acontecer quando deixamos de valorizar o que faz parte de nossa história e copiamos os modelos estrangeiros?

Nos Estados Unidos, dia 31 de outubro é comemorado o Halloween, ou Dia das Bruxas. No Brasil, a festa, que antes era restrita às escolas de idioma, a cada ano vem sendo cada vez mais festejada na maioria das escolas da rede particular e, em menor grau, na pública. Jovens e crianças preparam suas fantasias e as salas de aula são decoradas com abóboras e monstros.

O que vem acontecendo? As bruxas e os monstros americanos estão tomando o lugar das comemorações da nossa cultura nacional? Depois do carnaval, o dia das bruxas tem sido considerado a data de maior venda de fantasias no Brasil. O apelo comercial e a importação da cultura norte-americana levantam uma questão: por que comemorar o Halloween no Brasil? Qual é o significado dessa festa na escola? O que ela ensina? Os críticos advertem: um tempo precioso está sendo utilizado pelos educadores para trabalhar uma cultura de

mercado imposta pelos apelos da mídia.

Mais do que falar do saci e do boitará, mitos brasileiros, é preciso que os alunos entendam o sentido de cada um dos elementos do folclore nacional. A história de elementos culturais como as danças, brincadeiras, festas, lendas e canções deve ser ensinada e reforçada como sendo uma parte importante da memória de um país e não como simples historinhas fantasiosas. As crianças precisam ser motivadas a pensar o que estava por trás da mente das pessoas que criaram as lendas, por exemplo.

Qual é o sentido de festejar valores que não são nossos e não fazem parte da história de nosso povo? Se o objetivo é conhecer a

cultura de outros povos é preciso diversificar o aprendizado e incluir as festas de várias partes do mundo e não se concentrar no que recebemos de um único país, como acontece com os Estados Unidos. O intercâmbio cultural entre os países é saudável desde que seja equilibrado. Mas a troca do Brasil com os Estados Unidos é desigual porque por lá não acontece a mesma coisa.

O município paulista de São Luís do Paraitinga, a 170 quilômetros da capital, já está dando o exemplo: decretou o dia 31 de outubro o Dia do Saci. A medida foi uma forma de protestar contra a crescente presença da cultura norte-americana entre as crianças da cidade.

*Um tempo precioso está sendo utilizado pelos educadores para trabalhar uma cultura de mercado imposta pelos apelos da mídia*

## Proteção ao Folclore Constituição Federal

O folclore como expressão do povo faz parte de sua riqueza cultural e, portanto, está inserido no patrimônio cultural. Tem proteção jurídica, prevista pela Constituição Federal, nos seus artigos 215 (*O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.*) e 216 (*Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens materiais e imateriais, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.*)

Portanto, crenças, lendas, costumes e tradições, bens imateriais difusos de uso comum do povo, compõem o patrimônio cultural do nosso país e podem ser protegidos por ação civil pública.

## Declaração Universal dos Direitos dos Povos

**Artigo 2** - Todo povo tem direito ao respeito por sua identidade nacional e cultural.

**Artigo 13** - Todo povo tem o direito de falar sua língua, de preservar e desenvolver sua cultura, contribuindo assim para o enriquecimento da cultura da humanidade.

**Artigo 14** - Todo povo tem direito às suas riquezas artísticas, históricas e culturais.

**Artigo 15** - Todo povo tem direito a que não se lhe imponha uma cultura estrangeira.

**Artigo 19** - Quando, no seio de um Estado, um povo constitui minoria, tem direito ao respeito por sua identidade, suas tradições, sua língua e seu patrimônio cultural.

Fonte: [www.ifolclore.com.br](http://www.ifolclore.com.br)



## Desmistificando os mitos da adoção

A Psicologia tem a difícil tarefa de explicar o comportamento humano. Para isso ela procura todos os fatores condicionantes, tanto do lado da hereditariedade, quanto do lado das variáveis externas. Também na questão da adaptação e sucesso de uma adoção, seus estudos não fogem à essa orientação. Há a intenção em se compreender não só a experiência vivencial dos adotantes e adotados, como o temor da adoção e as vicissitudes da própria experiência da adoção se ela se realiza.

Podemos citar o mito “do sangue ruim”, significando a idéia da hereditariedade patológica para explicar o provável insucesso da adoção. Esse mito, no outro extremo do entendimento, contrasta com o mito da “criança maravilhosa”, segundo Wagner Fiori, ou da “criança das fadas”, segundo Elena Andrei, idealizada pelos pais dentro da idéia do “melhor de mim”, na fantasia do pai ou da mãe. Então, se deu errado é porque o filho vem de pais biológicos “ruins” ou “problemáticos”.

Outro mito é o da criança mais velha, onde circula a idéia de que não conseguirá ter sucesso na adoção; pois é uma criança por demais marcada pelas experiências anteriores e velha demais também para desenvolver novos laços amorosos.

Assim, ora se prioriza a hereditariedade para explicar as características e o comportamento do adotado, ora se prioriza as experiências iniciais do mesmo.

As linhas da Psicologia que buscam uma orientação mais humanística do ser humano para a sua explicação, ajudam-nos a enxergar a participação ativa do sujeito naquilo em que ele tem de mais essencial: o livre-arbítrio.

Quase todas as teses por mim estudadas como mestranda dentro do tema “identidade e integração de filhos adotivos adultos”, em suas conclusões finais, salientam a necessidade dos pais amarem a criança, de enfrentarem as dificuldades com respeito e amor e do equilíbrio emocional para a melhor adaptação do filho adotivo. Claramente enfatizam o papel dos pais no

sucesso da adoção. A criança precisa ser adotada em todas as palavras, alguns dizem “gestada” psicologicamente.

Somente poucos apontam a gestação mútua, ou a adoção mútua para o sucesso da adoção. Mas tanto os pais devem “de coração” adotar o filho, como vice-versa, salientando aqui a dependência da decisão do adotado em amar também os pais adotivos.

É importante salientar que devemos compreender a necessidade de ajudarmos o filho adotivo a descobrir sua história e que a Psicologia apresenta os caminhos para que isso aconteça. Existe uma técnica terapêutica que coloca a pessoa numa atitude de pesquisa desse saber inconsciente. Uma técnica

introspectiva que traz as evidências de útero materno desde a concepção como imagens mentais inteligíveis e inconfundíveis. A introspecção onde o sujeito olha para dentro de si, seguindo o questionamento objetivo do terapeuta.

Acreditamos ser essa técnica, a Abordagem Direta do Inconsciente, ADI, uma importante maneira de se resgatar e reelaborar tais vivências, de vital utilidade para o filho adotivo, podendo contribuir para que eles encontrem sua história inicial e sua identidade.

*Maria Alice Ribeiro de Carvalho*  
*Psicóloga clínica*

*Professora do Centro Universitário de*  
*Belo Horizonte - UNI-BH*

### Encontro nacional discute a adoção

Aconteceu em Belo Horizonte, entre os dias 12 e 15 de maio, o 9º Encontro Nacional de Associações e Grupos de Apoio à Adoção, ENAPA. O evento mobilizou especialistas de todo o Brasil, com representantes do Poder Judiciário e do Ministério Público, além de advogados, assistentes sociais, psicólogos e pais adotivos.

A realização do evento ficou a cargo da Fundação CDL Pró-Criança, da Comissão Estadual Judiciária de Adoção, Ceja-MG, e da *Nuovi Orozzonti per Vivere L'Adozione*, Nova, entidade italiana fundada por pais adotivos e autorizada a operar no campo das adoções internacionais.

Afeto, humanismo e dignidade foi o tema geral do encontro este ano. A conferência de abertura foi proferida por Dom Luciano Mendes de Almeida sobre o tema “Humanismo e dignificação da infância e da adolescência”.

O atual projeto de Lei da Adoção, que tramita no Congresso Nacional, é resultado dos Enapas anuais anteriores e resume o que vem sendo elaborado e discutido nesses encontros no que se refere ao cuidado com a criança e o adolescente. A tônica continua sendo privilegiar a necessidade da criança e do adolescente tanto no que se refere à permanência em sua família biológica quanto na sua colocação em família substituta.

### Como funciona o processo de adoção

O processo de habilitação para adoção envolve as seguintes etapas: participação no Grupo Informativo sobre Adoção (etapa não exigida para os que residem fora de Belo Horizonte e da região metropolitana); elaboração de estudo social; realização de sindicância na residência dos candidatos. Após a realização destas etapas, o estudo é encaminhado para apreciação da promotoria da Infância e da Juventude e do Juiz competente. Uma vez aprovada a solicitação de inscrição, esta é incluída no Cadastro de Interessados em Adoção. Outras informações poderão ser obtidas no telefone: (31) 3272-4133.

Fonte: TJMG

## Reciclando sonhos, alimentando realidades

No mundo ecológico, diversos seres vivem em comunidade. Tomando como exemplo as abelhas, estas desenvolvem um dos mais interessantes princípios hierárquicos na organização e distribuição social de trabalho. Os conceitos sociais destes seres mostram o cooperativismo imitado pelo homem. Entretanto, a diferenciação ocorre no momento em que passa a atuar uma força de natureza não-humana, impulsionando o homem como um operário nas mãos de Deus a serviço da ressocialização.

A Associação de Proteção e Assistência ao Condenado, Apac, na cidade de Itaúna, Minas Gerais, administra um presídio singular, pois trata-se de uma experiência onde os próprios presos - denominados na Apac de recuperandos - cuidam das chaves do presídio, não existindo a presença de policiais civis, militares ou agentes penitenciários. A Apac desenvolve um trabalho de caráter comunitário na recuperação e ressocialização de condenados pela Justiça. Tem como objetivo recuperar o preso, proteger a sociedade, socorrer a vítima e promover a justiça. A Apac de Itaúna, no

seu âmbito de trabalho interno voluntário, realizado por membros da comunidade, proporciona a verdadeira integração entre a sociedade e o recuperando.

A terapia ocupacional desenvolvida pela Apac, no setor de laborterapia, visa o afloramento e resgate de aptidões individuais e dos valores intrínsecos de criação existentes em todo ser humano.

O trabalho laborterápico mostra a harmonia existente entre o homem e a natureza, comprovando assim as palavras de Lavoisier "na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma". Os recuperandos, utilizando-se de recursos até então inúteis para o homem, os transformam em produtos aproveitáveis no dia-a-dia. A fábrica de papel reciclado reaproveita os materiais oriundos das secretarias interna e externa para a confecção de envelopes e cartões, que ao serem comercializados, proporcionam um certo auxílio aos recuperandos e às suas famílias. Da mesma forma, os materiais não aproveitados na marcenaria são utilizados para a realização de trabalhos manuais. Dentre eles podemos

destacar o trabalho de confecção de porta-retratos, baús, etc.

Na horta são cultivados, sem a utilização de agrotóxicos, grande parte dos legumes e vegetais utilizados na alimentação dos recuperandos, sendo o excedente de produção comercializado para a sociedade a preço justo.

São trabalhos dessa natureza que colaboram para a perfeita organização social e humana do trabalho, resgatando assim a dignidade de todo e qualquer homem.

Considerando que a verdadeira recuperação é interdependente dos meios oferecidos e da força de vontade para a mudança, a relação homem e natureza deverá sempre prevalecer como fator primordial na ressocialização, não somente do homem para com a sociedade, mas também da sociedade para com a natureza.

Fábio Fulgoni

Recuperando da Associação de Assistência e Proteção ao Condenado - Apac - Itaúna/MG

## Apac de Santa Luzia terá projeto inovador

Em Santa Luzia, será inaugurada a primeira Associação de Proteção e Assistência ao Condenado, Apac, cujo projeto arquitetônico foi formulado com base nos requisitos do método. Em uma área de 40 mil metros quadrados, a Apac de Santa Luzia atenderá a 200 recuperandos, sendo 120 no regime fechado e 80 no regime semi-aberto.

Situado na Região Alto das Maravilhas, no bairro Frimisa, em Santa Luzia, a nova Apac terá espaços planejados para a realização de oficinas, atividades profissionalizantes, estudo, lazer, para o encontro íntimo com a família, além de área para comércio e convívio também com a comunidade.

A filosofia da Apac é acreditar na

recuperação de todas as pessoas que cometem delitos e proporcionar meios para que elas voltem à sociedade, à família e ao trabalho.

"Na nova Apac será possível avistar o horizonte de qualquer ponto da construção", conta Fábio dos Santos, presidente do Conselho de Fundadores da Apac Região Metropolitana de Belo Horizonte. Segundo ele, esse é um projeto único no mundo e ele foi amplamente discutido por uma equipe interdisciplinar. Em julho de 2004 será inaugurada a parte destinada ao regime fechado. As obras para a parte administrativa e a do regime semi-aberto ainda serão construídas.

Apesar da resistência de alguns grupos quanto à instalação da entidade naquele local, a Apac de Santa Luzia terá um papel importante também

para a comunidade ao redor. Uma das metas é permitir que jovens da comunidade também possam frequentar os cursos profissionalizantes destinados aos recuperandos do regime semi-aberto. Além disso, os organizadores procuram parcerias para que a Apac também seja um centro de revitalização ambiental do município.

A Apac existe em vários estados do país e também no exterior. Na cidade de Itaúna, a Apac é um exemplo de como o método funciona para a reinserção do recuperando. Em 2003, a Apac de Nova Lima foi inaugurada e hoje atende a 30 recuperandos.

Os interessados em trabalhar como voluntários na Apac de Santa Luzia podem entrar em contato com Mary Lúcia pelo telefone (31) 9171-4134

Foto: Afonso Tachen Morsal



Exemplo da rica biodiversidade do Brasil

## Os desafios ambientais brasileiros

Síntese do discurso da ministra do meio ambiente Marina Silva, na Semana Nacional do Meio Ambiente

É com muita alegria e com muita honra que viemos (...) à presença de todos para assinarmos e anunciarmos atos importantes para a gestão do meio ambiente do Brasil. Temos um enorme desafio pela frente, para o qual convidamos a todos os brasileiros. Há um ano, lançamos a Conferência Nacional de Meio Ambiente: *Vamos cuidar do Brasil*. Cuidar do nosso Brasil significa conservar e usar de maneira responsável, a maior floresta tropical do mundo, com cerca de 550 milhões de hectares, o maior manancial hídrico, com quase 12% da água doce superficial do mundo, 70% dela na Amazônia; significa cuidar bem da maior concentração de biodiversidade, com cerca de 20% do total de espécies existentes no nosso planeta. Cuidar do Brasil é também trabalhar com os governos estaduais e municipais para assegurar qualidade de vida em nossas cidades, onde vivem quase 80% dos brasileiros. (...)

Por isso, quando recebemos (...) a missão de fazer uma política ambiental a ser respeitada por todos, anunciamos quatro grandes diretrizes: a política ambiental integrada, o fortalecimento do Sistema Nacional de Meio Ambiente, o controle e a participação social, e o desenvolvimento sustentável, que, a rigor, é o objetivo principal da política ambiental de governo. Um ano e meio após assumirmos este desafio, estamos realizando a Semana Nacional de Meio Ambiente com o tema "Juntos, Meio

Ambiente e Desenvolvimento dão frutos". Mas antes de dar frutos é preciso semear a terra.

Permita-me, (...) contar uma breve história antes de voltar ao dia de hoje. Como professora de história, reconstitui o percurso das ações ambientais no Brasil para me certificar da nossa missão neste mandato.

Vivemos, nos anos 70, um período inicial de denúncias contra a poluição urbana, os agrotóxicos e outros temas. Enquanto o mundo se surpreendia com a emergência dos problemas ambientais, aqui o governo admitia qualquer tipo de poluição como um preço admissível para o progresso. Como se fosse possível casar progresso e degradação. Movimentos e lideranças emergentes como Lutzenberger e Paulo Nogueira Neto, no entanto, forçaram medidas do governo. Assim, era criada a Secretaria Especial de Meio Ambiente, em 1973. As primeiras medidas de governo se dirigiram apenas às ações chamadas de Comando e Controle. Nos anos 80, ao lado dos movimentos sindicais, como a CUT, e os de trabalhadores sem terra, que foram criados e organizados, surgiram também o Conselho Nacional dos Seringueiros, o encontro nacional dos ambientalistas e a mobilização social e ambiental em torno da Constituinte.

Para abrir os anos 90, ainda em 89, o governo, motivado pela grande repercussão

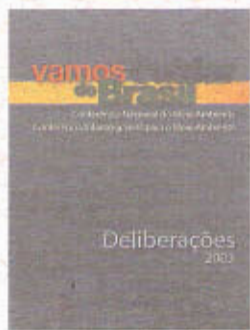
do assassinato de Chico Mendes, criou o Ibama. Mais tarde, em 92, foi criado o Ministério do Meio Ambiente. Na Eco-92, fomos o primeiro país a assinar a Agenda 21. Ao longo desta década assistimos a promulgação de leis importantes, como a de Crimes Ambientais, a do Sistema Nacional de Unidades de Conservação, bem como a ratificação da Convenção da Diversidade Biológica, que me inspirou no Senado, em 1995, a propor o Projeto de Lei sobre acesso à biodiversidade. Entretanto, mesmo com essas iniciativas a idéia do Desenvolvimento Sustentável, lançada em 1987, pelo Relatório da ONU, "Nosso Futuro Comum", ainda não alcançou a necessária implementação.

Diante desse breve histórico, qual será a missão que nos cabe neste início de século e de milênio e quanto dela já estamos começando a realizar?

Primeiro, vale ressaltar o pioneirismo da política ambiental integrada. (...) Não se pode mais pensar na dimensão ambiental como uma mera externalidade da atividade produtiva. (...) Prova disso, foi o trabalho do GT de Combate ao Desmatamento, o trabalho de formulação de Plano BR 163 Sustentável, o novo modelo de política energética, a política de reforma agrária na Amazônia, a revisão do crédito com os fundos constitucionais do Norte e do Centro Oeste, o Plano Amazônia Sustentável, entre outras iniciativas em curso. Outra iniciativa inédita em 30 anos de política ambiental foi a realização da Conferência Nacional de Meio Ambiente. Há pelo menos 20 anos que a sociedade e os movimentos sociais e ambientalistas brasileiros clamavam por uma

### *Vamos cuidar do Brasil*

As deliberações da Conferência Nacional do Meio Ambiente e da Conferência Infanto-juvenil para o Meio Ambiente, realizadas em 2003 em Brasília, estão reunidas em 142 páginas. Das 4.151 propostas sistematizadas e discutidas na Conferência surgiu um elenco de deliberações que compõe a primeira parte do livro. Na Parte II, está a Carta Jovens cuidando do Brasil, da Conferência Infanto-Juvenil. (Ministério do Meio Ambiente [www.mma.gov.br/conferenciainacional/](http://www.mma.gov.br/conferenciainacional/))





O Brasil possui grande volume de recursos hídricos

ARPA. (...) Com a assinatura dos Acordos entre o Funbio, que é nosso parceiro, e os Estados do Acre, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, e Tocantins, com interveniência

instância de diálogo aberto entre governo e sociedade.

(...) Foram criadas as Reservas Extrativistas de Capanã Grande e Cururupu; as Florestas Nacionais do Cabedelo e Pirafó do Sul; o Plano Nacional de Prevenção, Preparação Resposta Rápida a Emergências Ambientais com Produtos Químicos Perigosos, o P2R2, (...) o Acordo com Governos Estaduais da Amazônia para o ARPA; a Portaria que cria Comissões Tripartite em 14 estados; a criação do Fundo de Áreas Protegidas, o carimbo dos Correios comemorativo dos 15 anos do Ibama; o Fórum de Áreas Protegidas; o Edital do Prêmio Chico Mendes; e, finalmente, a Comissão Nacional para o Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais.

(...) De forma pioneira, estamos criando a Comissão Nacional para o Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais. O agroextrativismo é a conjugação da extração de produtos florestais nativos (borracha, castanha-do-brasil, andiroba, copaíba, babaçu etc), com uma agricultura sustentável, de baixo impacto, mas com alto valor social. O agroextrativismo constitui-se num consistente processo de valorização das florestas e matas e de resgate do valor socioambiental desses ecossistemas. Esse sistema, bem como o da pesca artesanal, apresenta os princípios básicos desejáveis para o desenvolvimento sustentável.

Voltando às unidades de conservação, (...) estamos assinando aqui seis Acordos de Cooperação Técnica com seis governos da Amazônia para a implementação do Programa de Áreas Protegidas da Amazônia, o

do Ministério do Meio Ambiente, estamos dando um passo importante também em relação ao desenvolvimento regional. São 13 unidades de conservação contempladas com recursos garantidos por esses convênios.

Além disso, o Programa ARPA está apoiando a criação de um Fundo de Áreas Protegidas (FAP), cuja meta é capilarizar-se até 240 milhões de dólares em dez anos para garantir apoio "para sempre" às unidades de conservação do Programa.

Outra iniciativa fundamental para o fortalecimento de parcerias com Estados, e neste caso, também com os municípios é a portaria que assino para a criação de Comissões Tripartite em 14 estados. Nos Estados, a Comissão Tripartite terá a função de equilibrar a gestão ambiental nos três níveis de governo, de maneira a promover um melhor equilíbrio e compartilhamento de competências. Apenas para se ter uma idéia do descompasso, segundo pesquisa realizada pelo IBGE em 2001, apenas 22% dos municípios brasileiros têm Conselhos Municipais de Meio Ambiente ativos. Esses atos completam outros que estamos assinando e lançando nesta semana e que ilustram bem o tema da semana: "juntos, meio ambiente e desenvolvimento dão frutos".

Marina Silva  
Ministra do Meio Ambiente

### Ações nas escolas

A Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9795/99) estabelece a educação ambiental nas escolas como prática integrada, contínua e permanente, transversal a todas as disciplinas. Para atender a esta demanda o Ministério da Educação e do Desporto, MEC, em 1999 implementou o programa de formação de professores "Parâmetros em Ação: Meio Ambiente". Em continuidade a esta iniciativa e à demanda de aprofundamento das ações da Conferência Nacional Infância-Juvenil pelo Meio Ambiente, o MEC elaborou o Programa "Vamos Cuidar do Brasil com as Escolas" que, alicerçado no Programa Nacional de Educação Ambiental, será um Programa Contínuo de Educação Ambiental, cujas principais características são:

- Formação de professores e alunos (delegados e suplentes) das 16 mil escolas que realizaram a Conferência, envolvendo 6 milhões de pessoas em 4 mil municípios, visando o adensamento conceitual das questões socioambientais.
- Incentivo à instalação dos Conselhos de Meio Ambiente e Qualidade de Vida nas Escolas para tornar a ação efetiva e sustentável. Eles farão o controle social da Educação Ambiental na escola e a implementação da Agenda 21 Escolar.
- Implementação do projeto de inclusão digital que visa criar e manter um sistema informatizado, pelo qual transitarão aplicativos para pesquisa escolar sobre o meio ambiente.
- Promoção de projetos de pesquisa-ação animados por ONGs, para fortalecer a comunicação intersetorial (Projeto Educação de Chico Mendes). Será uma ação que unirá os conhecimentos aprofundados, os resultados de pesquisas locais e fará com que ONGs possam aglutinar grupos de escolas com problemas em comum, de um mesmo território e possam construir projetos de intervenção transformadora.

Foto: Afonso Takasi Miyazaki



O resgate da qualidade de vida nos grandes centros urbanos é um grande desafio para o governo e a sociedade

## Dicionarizar as ecologias

Os principais dicionários da língua portuguesa editados no Brasil - Aurélio e Houaiss - não oferecem definições atualizadas sobre o rico e diversificado campo das ciências ecológicas. De fato, desde seus primórdios no século XIX, até nos últimos anos, o conceito de ecologia extrapolou suas origens nas ciências biológicas. Esse campo do conhecimento ramificou-se em inúmeros aspectos e enveredou-se principalmente pelos domínios das ciências humanas e sociais e que extrapolam em muito seu domínio original na área das ciências biológicas. Entre esses, destacam-se os campos da ecologia política, social, humana, cultural, energética, cósmica, pessoal, humana ou do ser; a agroecologia, ecologia urbana, rural, industrial. Por serem recentes e ainda conhecidos, quando muito, apenas pelos públicos mais especializados, esses termos ainda não foram captados, na sua especificidade, por aqueles que dicionarizam as novas palavras que circulam em nossa língua.

Além de não terem sido incorporados aos dicionários gerais de português, esses novos conceitos, importantes no repertório contemporâneo da ecologia, também têm sido incorporados de forma fragmentada e sem o respaldo de uma visão de integração mais global, nos dicionários especializados da área. Ainda falta realizar um trabalho de articulação, de forma que a visão mais integral abrangente das ecologias seja colocada à disposição para o leitor em língua portuguesa e possa, então, ser aplicada à

realidade. A pobreza conceitual das ciências ecológicas em português pode, inclusive, ser comprovada nas pesquisas, usualmente muito produtivas, nos sítios de buscas na Internet, que costumam mostrar riqueza de conceitos e palavras em inglês ou em espanhol.

Aquilo que não está escrito, não pode ser lido e é difícil que se torne parte da cultura de uma sociedade. Assim, é necessário, para o aprimoramento cultural, dicionarizar as ecologias e tornar disponíveis palavras que possam ser introduzidas, lidas, compreendidas e escritas nos processos de alfabetização bem como nas práticas que podem ser desenvolvidas a partir delas.

As ciências ecológicas operam transversalmente nos campos de reflexão das ciências exatas, naturais, sociais e humanas, permeando-os com nova perspectiva e ângulo de visão.

Com efeito, hoje a abordagem teórica da ecologia não pode mais ser reduzida ao enfoque biológico. Abrem-se as suas múltiplas facetas, da cósmica à energética, da cultural à psicológica.

Começa esse campo a penetrar nos domínios da ecologia do ser - do corpo, da mente, das emoções -, integrando ao campo da sustentabilidade a Psicologia e os processos cognitivos e emocionais bem como outras Ciências Humanas como a Educação, a Antropologia e a Filosofia.

Além disso, é necessário, neste momento, resgatar e revalorizar o conceito de ecodesenvolvimento, surgido durante os

debates prévios à Conferência de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano, em 1972, e que foi definido por Ignacy Sachs como "um instrumento heurístico que permite aos planejadores e aos decisores políticos abordarem a problemática do desenvolvimento de uma perspectiva mais ampla, compatibilizando uma dupla abertura à Ecologia Natural e à Ecologia Cultural." Ocorre que, nos últimos anos, enquanto a noção de desenvolvimento sustentável deslocava a componente ecológica do ecodesenvolvimento para segundo plano, a Ecologia, em evolução, diversificava-se, integrava, abrangendo e correlacionando disciplinas como a Geografia, a Biologia e a Sociologia e ressaltava a importância das dimensões humana, sociopolítica e cultural. Dessa forma, a Ecologia diferenciava-se em vários e novos campos de atividade, que se reúnem num conceito de Ecologia Integral, que inclui a ecologia do ser, a ecologia social e a ecologia ambiental.

Ecologizar implicará, nessa perspectiva, conhecer os vários campos do conhecimento nos quais se ramificou a Ecologia clássica, a partir de sua origem na Biologia, estendendo-se, atualmente, a uma multiplicidade de âmbitos de pensamento e ação. E um ponto de partida para uma ação integradora e eficaz, é não só conhecer as várias ecologias, como também buscar as formas de harmonizar seus conceitos com as práticas do desenvolvimento sustentável, retomando conceitos fecundos como o de ecodesenvolvimento.

Maurício Andrés Ribeiro

Arquiteto, autor de "Ecologizar, Pensando o Ambiente Humano" e de "Tesouros da Índia para a civilização sustentável". Professor do curso de pós-graduação em Gestão Ambiental de Cidades, da Universidade Católica de Brasília.

mandrib@uol.com.br www.ecologizar.com.br

*Além de não terem sido incorporados aos dicionários gerais de português, esses novos conceitos, importantes no repertório contemporâneo da ecologia, também têm sido incorporados de forma fragmentada e sem o respaldo de uma visão de integração mais global, nos dicionários especializados da área*

## Celebrando os ciclos na natureza

O dia e a noite. As quatro estações. O movimento de translação da Terra. As fases da lua. Esses e tantos outros são exemplos dos ciclos da natureza. Nossa civilização perdeu a noção desses ciclos. Habitados a seguir o horário do relógio, não olhamos mais para o Sol. Sabemos que as estações mudam quando desfiles de moda apresentam as novas tendências para a estação. A iluminação das cidades tira o brilho e o esplendor das estrelas e da lua. Às vezes, nem nos damos conta de que já escureceu e um novo ciclo se inicia.

Mas para que esses ciclos se efetuem, é necessário que dois corpos celestes se envolvam na mudança das estações: Sol e Terra. O equilíbrio entre eles é delicado e necessário. As mudanças nas relações de afinidade entre o Sol e a Terra são a fundação de toda a vida e estamos tornando essa relação precária. É preciso tomar consciência do papel do ser humano na manutenção ou destruição desse equilíbrio.

Assim, temos os Solstícios (do latim "sol steti" que significa "Sol permanece imóvel") e Equinócios (do latim "aequinoctium" que significa "dias e noites iguais") que são eventos cósmico-terrestres significativos, responsáveis por marcar a mudança das estações. São também símbolos poderosos de profundidade no processo de transformação da psique humana e coletiva. Desse modo, constituem dias que deveriam ser dedicados a honrar a Terra e seus ritmos: oportunidade para comprometer-se.

Durante milhares de anos, nossos ancestrais comemoravam a mudança das estações com festivais. Estes tinham como propósito reunir as pessoas de várias idades, trocar idéias e sentimentos e, principalmente, aprofundar o senso de ligação das pessoas

com o Céu e a Terra, trazendo renovação para a comunidade. Para eles o começo de um ciclo era determinado pela forma como se encerrava o anterior, por isso a passagem de uma estação para outra era um tempo no qual o mundo terminava e recomeçava. Assim, para que o Sol continuasse a brilhar, a chuva a cair, as plantações a crescer e os animais a se reproduzir, os seres humanos tinham de praticar os rituais, que eram a parte que lhes cabia nos procedimentos cósmicos.

Atualmente, não celebramos mais esses festivais antigos. O sentimento de participação da interação cíclica entre o Céu e a Terra não está presente. Reside aí a ferida básica de nossa sociedade: a separação do céu e da terra, do masculino e do feminino, do material e do espiritual, etc. Como consequência, assistimos a violência, injustiça, pobreza, poluição do ar e da água, destruição da camada de ozônio, descompromisso do ser humano com o que acontece ao seu redor.

Ao se romper o senso de ligação com a Terra, rompe-se também o equilíbrio com a natureza, com o mundo, com os outros seres e com nós mesmos. Nossa natureza interna é desrespeitada e ultrajada, ocorrendo a perda da harmonia perfeita consigo e com a natureza externa. Com o avanço da tecnologia, a cada dia criamos novas necessidades, aumentando com isso o consumo. Paralelamente aumentamos a diferença social e a pobreza. Esse é o grande paradoxo da nossa sociedade. Temos mais conhecimento, mais "domínio sobre a natureza", no entanto, não temos uma vida melhor. Para E.F. Schumacher, economista, a sabedoria reside em simplificar e reduzir nossas necessidades e não em expandi-las infinitamente. Desruímos a natureza para

atender a essa grande expansão.

### Celebrando as estações

Hoje em dia, esses festivais ou celebrações são vistos pela sociedade como superstição ou crendice. Entretanto, dentro de uma visão holística do mundo faz-se necessária essa conexão interna e externa para que possamos reverter o caos em que nossa humanidade se encontra e restabelecer a paz. Desse modo, o grupo *Pontífice*\* pretende retomar a importância dos equinócios de outono e primavera e dos solstícios de verão e inverno, que vêm sendo realizados em Belo Horizonte, desde 2002. Temos por objetivo resgatar esses festivais como forma de reconexão dos seres entre si, com o mundo e com Deus. A recuperação desses antigos festivais é mais que um gesto simbólico, é uma maneira significativa de nos lembrarmos da ordem natural das coisas, uma oportunidade de aumentar nossa consciência sobre a natureza e de afirmar nosso compromisso de respeitá-la. São momentos de retorno às simples verdades do coração da vida.

Renovar os ciclos faz parte da roda da vida. Júbilo e lamento são aspectos necessários. Há momento para colher e momento para plantar. Momento para ter sucesso, momento para fracassar. A grande sabedoria consiste em reconhecer o lugar que se deve ocupar em cada ciclo e quais os tipos de ações (ou restrições) são apropriadas para cada fase. As estações nos demonstram isso. O movimento é cíclico e o curso se completa, não sendo necessário acelerar nada artificialmente. Tudo chega por si mesmo no momento apropriado.

Ana Lucia Ferreira Ribeiro  
Terapeuta holística

\* *Pontífice* é um grupo sem fins lucrativos, formado por pessoas que buscam o encontro do Ser Humano consigo mesmo, com seu semelhante e com a natureza. Mais informações pelos telefones: (31) 3226-8920, Ana Lucia, ou 3221-9537, Liliane, ou pelo e-mail ponteceneterra@prover.com.br

*Durante milhares de anos, nossos ancestrais comemoravam a mudança das estações com festivais para aprofundar o senso de ligação das pessoas com o Céu e a Terra*

**pequenas  
ações por um  
mundo de paz**



*Foto: Afonso Tarfeu Murad*

***Reconhecer que nossas raízes nos proporcionam sustentação***

*Os costumes de nosso povo são o nosso principal documento de identidade. São eles que dizem quem somos e como somos. Valorize sua memória pessoal e regional.*

***Valorizar o artesanal***

*O produto feito manualmente tem mais valor que o industrializado. Ele é único e não é resultado de uma produção em série. Prestigie as peças confeccionadas por artesãos, costureiras, pintores...*

***Universidade da Paz - UNIPAZ-MG***

*Já estão abertas as inscrições para  
a 6ª turma da Formação Holística de Base*

**Seminários 2004**

- 13 a 15 de agosto - *Sonhos* (Gislaine Maria D'Assumpção)
- 17 a 19 de setembro - *Permacultura - Novas formas de viver* (João Rocket)
- 22 a 24 de outubro - *A arte de viver o conflito* (Lydia Rebouças)
- 19 a 21 de novembro - *Antigos e novos terapeutas* (Roberto Crema)
- 10 a 12 de dezembro - *A arte de viver a natureza* (Dalila Lubiana)

**Unipaz-MG**

**Rua Paulo Afonso, 146/605  
BH/MG - Cep: 30350-060  
unipazmg@unipazmg.org.br  
www.unipazmg.org.br**

## Provérbios

*Gosto não se discute.*

*Devagar se vai ao longe.*

*O hábito não faz o monge.*

*Quem não deve não teme.*

*Um erro não justifica o outro.*

*Há males que vêm pra bem.*

*Fazer o bem sem olhar a quem.*

*É a intenção que faz a ação.*

*É melhor prevenir que remediar.*

*Nada como um dia após o outro.*

*Falar é fácil, fazer é que são elas.*

*Nunca diga desta água não beberei.*

*Um homem prevenido vale por dois.*

*Cada um sabe onde lhe aperta o sapato.*

*Errar é humano, persistir no erro é burrice.*

*Seguro morreu de velho e a prudência foi ao enterro.*

*A esperança é a última que morre.*

*Os provérbios exprimem conhecimentos e experiências populares, traduzidos em poucas palavras, de maneira ritmada. São também conhecidos por ditados e máximas populares. Que tal refletirmos sobre os provérbios acima?*



## • Seminários, cursos e oficinas

- Ecologia integral
- A arte de viver em paz
- Formação de educadores ambientais com base na ecologia integral
- Formação de educadores para a paz com base na ecologia integral
- Comunicação interpessoal
- Comunicação para o terceiro setor
- Educação para o consumo
- Agenda 21
- Ikebana (arranjos florais)
- Mobilização e participação social
- Responsabilidade social
- Valores humanos

## • Orientação e elaboração de projetos e facilitação de trabalhos nas áreas de

- Ecologia Integral
- Agenda 21
- Comunicação para o terceiro setor
- Defesa e preservação do meio ambiente
- Desenvolvimento humano, de grupos, de comunidades e de organizações
- Educação ambiental
- Educação para a paz
- Educação para o consumo
- Mobilização e participação social
- Responsabilidade social e terceiro setor

## • Biblioteca

## • Palestras

## • Passeios ecológicos

## • Práticas integrativas

## • Grupos de estudos (abertos e gratuitos)

- Ecologia do ambiente (semanal)
- Educação para a paz (quinzenal)
- Meditação (quinzenal)
- Sonhos (quinzenal)

O Centro de Ecologia Integral, Ceii, é registrado no Cadastro Nacional de Entidades Ambientais, CNEA, do Ministério do Meio Ambiente.

O Ceii é membro da Rede Mineira de Educação Ambiental, RMEA, do Fórum da Agenda 21 de Belo Horizonte, do Fórum da Agenda 21 do Estado de Minas Gerais, do Fórum Mineiro do Terceiro Setor, do Fórum de Ongs Ambientais de Minas Gerais e do Fórum Municipal Lixo e Cidadania.

## Seja um elo da corrente pela divulgação da cultura de paz e da ecologia integral

Quando você se torna assinante da Revista Ecologia Integral, possibilita que uma instituição sem fins lucrativos receba uma assinatura gratuita. Quanto mais assinantes, mais pessoas que não podem pagar terão acesso à Revista através dos nossos Programas de Educação Ambiental e Educação para a Paz.

**1 assinatura paga = 1 assinatura gratuita para entidade sem fins lucrativos**

Dê de presente para um amigo a assinatura da Revista Ecologia Integral.

*Assine ou renove a sua assinatura.*

Você estará colaborando para a realização dos objetivos do CEII e também terá direito a descontos nas suas atividades.

Para solicitar ou renovar a sua assinatura com oito edições, recorte ou copie a ficha no verso desta página, complete com seus dados em letra de forma e envie para o CEII, juntamente com cheque cruzado e nominal ao Centro de Ecologia Integral ou comprovante de depósito no valor de R\$48,00 (Banco Real: conta nº 2971626-4 agência nº 0181 ou Banco do Brasil: conta nº 18377-6 - agência 1629-2)

Revista  
**Ecologia Integral**  
*por uma cultura de paz e pela ecologia integral*

Preço da assinatura  
com 8 edições: R\$48,00

# Principais pontos de venda da Revista Ecologia Integral (Belo Horizonte-MG)

## Barreiro

- Vagner Luciano - Tel. (31) 3482-0075 (Joana) 3393-2659 (Selma)

## Barroca

- Homeopatia Vitae (Rua Brumadinho, 267)

## Barro Preto

- Reciclo/Asmare (Av. do Contorno, 10.564)

## Belvedere

- Banca - Ponteio Lar Shopping

## Centro

- Banca - Praça Sete (próximo à loja Praça 7 Calçados)
- Agência Status - Rodoviária (loja 219)
- Livraria Leitura - Shopping Cidade
- Livraria Van Damme (Rua Guajajaras, 505)
- Agência Riccio (Rua dos Carijós, 151)
- Livraria UFMG - Conservatório de Música (Av. Afonso Pena, 1534)
- Farmácia Chamomilla (Av. Augusto de Lima, 403)
- Restaurante Vegetariano Naturalmente (Rua Rio de Janeiro, 1197)

## Cidade Jardim

- Banca (Av. Prudente de Morais, 280)

## Cidade Nova

- Via Ápia - Extra Supermercados (Minas Shopping)

## Coração Eucarístico

- Banca (Avenida 31 de março, 1102)
- Banca (Rua Dom José Gaspar, 28)
- Banca (Puc-Minas)

## Floresta

- Farmácia Homeopática Digitalis (Rua Curvelo, 130)
- Livraria do Psicólogo (Rua Curvelo, 132 - Lojas 25, 26 e 27)
- Portal da Luz (Rua Pousou Alegre, 810 - Casa 3)

## Funcionários

- Banca (Av. Getúlio Vargas, 879)
- Banca (Rua Gonçalves Dias, 1924)
- Banca (Rua Antônio de Albuquerque, 645)
- Banca (Avenida Bernardo Monteiro, 952)
- Café no meio do caminho (Av. Getúlio Vargas, 318 loja 5)

## Gutierrez

- Agência Oppus (Rua André Cavalcanti, 583)
- Banca (Av. Francisco Sá esquina com Rua André Cavalcanti)
- Banca (Av. Raja Gabaglia, 216)
- João Caipira (Rua Gal. Dionísio Cerqueira, 445)
- Marilú Agência de Jornais e Revistas (Av. Francisco Sá, 1007)

## Itapoã

- Banca - Space Box (Hiper Viabrasil)

## Lourdes

- Banca (Av. Olegário Maciel, 1764)

## Minas Brasil

- Banca (Rua Padre Vieira, 316)

## Ouro Preto

- Farmácia Atma (Rua Monteiro Lobato, 23 - Loja 2)

## Pampulha (Campus UFMG)

- Faculdade de Educação - William Livros
- Portão 1 - Banca 9ª Arte
- Livraria UFMG - Praça de Serviços

## Prado

- Banca (Rua Cuiabá, 827)

## Santa Efigênia

- Café Books (Rua Padre Rolim, 616)
- Banca (Av. Mem de Sá, próximo ao Colégio Municipal Santos Dumont)
- Banca (Rua Padre Rolim esquina com Av. Bernardo Monteiro)
- Homeopatia Germinare (Av. Contorno, 2774)
- Via Ápia - Extra Supermercados (Av. Francisco Sales, 898 - lj.23)

## Santa Lúcia

- Sana - Saúde Natural (Rua Kepler, 499)

## Santo Agostinho

- Banca (Av. Amazonas esquina com Av. Barbacena)
- Livraria do Usina Cineclub (Rua Aimorés, 2424)
- Farmácia Chamomilla / Weleda (Av. Olegário Maciel, 1358)
- Farmácia Atma (Rua Rodrigues Caldas, 766)
- Banca (em frente à Cemig - Rua Alvarenga Peixoto)
- Agência News - Diamond Mall (Loja S6 - nível G1)

## São Luiz

- Farmácia Atma (Rua Cel. José Dias Bicalho, 647)

## Savassi

- Banca (Av. Getúlio Vargas esq. Inconfidentes)
- Banca (Rua Tomé de Souza, 505)
- Chamomilla Homeopatia (Rua Sergipe, 1422)
- Homeopatia Germinare (Rua Paraíba, 966 - Loja 2)
- Homeopatia Vitae (Rua Cláudio Manoel, 170)
- Livraria Dharma (Av. Getúlio Vargas, 1624 - Loja 2)
- Mandala Restaurante Natural (Rua Cláudio Manoel, 875)
- Restaurante Bem Natural (Rua Tomé de Souza, 947)

## Serra

- Banca (Praça Milton Campos, 197)
- Banca (Av. Contorno, 4656)
- Farmácia Amarillis (Rua do Ouro, 1582)

## Sion

- Terra Mater (Rua Grão Mogol, 554)

## Caeté/MG

- Banca do Cabral (Av. João Pinheiro, 3654)
- Banca da Maria (Rua Jair Dantas)
- Livraria e Papelaria Universo (Rua Israel Pinheiro, 305)
- Opserv's (Rua Peixoto de Souza, 2)
- Papelaria Pergaminho (Rua Jair Dantas, 402)

## Juiz de Fora/MG

- Planet Music (Av. Independência, 1522)
- A Terceira Margem - Livros, Café e Arte (Galeria Plo X - 2º Piso)
- G2 Comércio de Livros (Campus da UFJF)

## Nova Lima/MG

- Shopping Ponto Verde (Loja 19 - Rod. MG-30, 2255)
- Loja Efeito Laranja (Rua Santa Cruz, 199)

## Pompeu/MG

- Jacson Afonso de Sousa - Tel. (37) 3523-1107

## Gostaria de:

- assinar a Revista Ecologia Integral a partir do nº .....
- renovar a minha assinatura

NOME COMPLETO:

ENDEREÇO:

BAIRRO:

CIDADE:

ESTADO:

CEP:

TEL. RES.:

FAX:

E-MAIL:

TEL. COM.:

CELULAR:

## Centro de Ecologia Integral

R. Bernardo Guimarães, 3101 - Salas 204 a 207  
B. Santo Agostinho - Belo Horizonte/MG - Brasil  
Cep: 30.140-083 - Tel.: (31) 3275-3602  
E-mail: ceii@ecologiaintegral.org.br  
www.ecologiaintegral.org.br

Revista  
**Ecologia Integral**  
 por uma cultura de paz e pela ecologia integral

ecologia - educação ambiental - educação para a paz  
 cidadania - sociedades sustentáveis - qualidade de vida  
 saúde integral - consumo consciente - valores humanos  
 impressa em papel 100% reciclado

Para adquirir números avulsos ou fazer assinatura da Revista Ecologia Integral  
 Ligue: (31) 3275-3602 ou mande um e-mail para [cei@ecologiaintegral.org.br](mailto:cei@ecologiaintegral.org.br)  
 ou visite [www.ecologiaintegral.org.br](http://www.ecologiaintegral.org.br)  
 Veja os pontos de venda da Revista Ecologia Integral na página ao lado



*São os costumes e os valores de um povo  
os elementos que promovem a integração das pessoas,  
que iluminam os caminhos, mostrando quem somos e  
onde estamos, e que aquecem os corações  
fortalecendo a fraternidade.*

Centro de Ecologia Integral  
*por uma cultura de paz e pela ecologia integral*

